so era diferente, o assunto das palestras era variado, ia da paisagem á Politica, da Literatura até á Arte e por vêzes fugia-se á corriqueira brejeirice perante as pernas de qualquer camponeza que se curvava no amanho da terra e descobria mais do que, nesse tempo era normal, os contornos das mesmas.

Estas evasões eram, verdadeiramente, bocados muito agradaveis que agora, passados mais de 40 anos, lembram com alguma saudade.

A vida no Grupo era, pois, simpatica. O Eduardo da Cunha Oliveira era um bom oficial, sabedor, muito dedicado e leal; o Correia Cardoso (ha pouco falecido no posto de brigadeiro graduado) era menos acessivel, de feitio duro, mas tambem excelente oficial como aliás foi em tudo o que se meteu, principalmente como professor liceal.

O ajudante era um bom homem, o tenente "pratico" Gil Augusto Domingues da Silva, sempre serviçal, pronto para tudo e que eu, uma vêz por outra, convidava para passeio a cavalo.

Havia naquele conjunto uma ovelha mais ou menos ranhosa: o muito celebrado Fer-

mando dos Santos Costa já com tendencia dominadora, por vêzes grosseira, e nas conversas com os oficiais na sala respectiva, pretendia impôr as suas opiniões reaccionarias, sempre contra a Democracia e em especial contra o nosso regime republicano. Era impertinente e, não raro, irritante.

Um dia até em que estava presente na sala o Augusto Casimiro, perante qualquer objurgatória contra o Liberalismo posterior a 1834, este não se conteve e lembrou-lhe que, se não fosse o Liberalismo, ele, Santos Costa não passaria de cavadôr de enxada ou, quando muito, de simples marçano de lojeca qualquer em Mangualde. Ele embezerrou, segundo me contaram, perante a lição dada pelo Casimiro e perante o aplauso unânime dos circunstantes.

A alusão á familia era clara. O Santos Costa era filho dum pobre sargento do Quadro Aux.^{mo} dos Serviços de Saude (por sinal que m.^{to} bom homem segundo dizem) e os proximos parentes eram homens do campo.

Em outra ocasião teve qualquer questiúncula com o Correia Cardoso seu comandante de bataria e faltou-lhe ao respeito;

este que não era m.to para brincadeiras, meteu-o na ordem e deu participação escrita contra o alferes.

Comandava eu então interinamente o Grupo e quando a participação me chegou ás mãos chamei os outros dois capitães e conversámos sobre o incidente. Não queria tirar, é claro, autoridade ao Cardoso; mas era-me desagradavel ter de punir um oficial que, demais a mais, com a punição poderia ter a carreira prejudicado. Chamei depois o Santos Costa ao gabinete e fiz-lhe ver a incorrecção do seu procedim.to e aconselhei-o a ir pedir desculpa ao capitão e a moderar, para o futuro, os seus impetos injustificados, etc.

O rapaz, renitente, disse que não, que não tinha que pedir desculpas e falou de tal modo que parecia ele o juiz. Eu ia-me azedando e terminei por dizer que guardava o papel por 24 horas no fim das quais teria que consultar, bem contra vontade, o Regulamento Disciplinar e estudar o caso da minha competencia.

Ele saiu trombudo e com maus modos. No dia seguinte o Correia Cardoso pro

curou-me para me dizer que o alferes lhe fôra apresentar tôdas as desculpas e estas deveriam ser um tanto ou quanto humilhantes para serem aceites; não inquiri como as coisas se passaram, entreguei ao capitão o papel e mandei chamar o alferes para lhe fazer a moralidade do caso e aconselhar-lhe a ter mais cuidado para o futuro nas discussões com superiores.

E o episodio ficou liquidado.

Liquidado... verdadeiramente não ficou. Sem querer levantar hipóteses acerca da influencia do Santos Costa no meu exame para o generalato, o que se pode afirmar é q. ele não esqueceu a possivel humilhação perante o Correia Cardoso. Quando este, aprovado para o generalato, tinha vaga para ser promovido, o Santos Costa, então ministro ou da Defesa ou do Exercito, deixou <u>passar</u> o tempo até aos 60 anos de idade daquele sem o promover e por isso e automaticam.te, o Correia Cardoso foi colocado na Reserva; e se foi brigadeiro foi-o por imposição legal que lhe dava direito a sê-lo <u>graduado</u> quando o imediato na escala ascendesse ao dito posto.

Quer dizer: o ilustre Santos Costa tem boa memoria e como a celebre mula do Papa a que Alphonse Daudet dedicou uma das interessantes cartas escritas no moinho, esperou o momento proprio para dar o coice em cheio.

E deu-o.

Corria, pois, o tempo sem novidade grossa a não ser uma ou outra prevenção sem resultado por suspeitas revolucionarias logo desfeitas, quando em Outubro, no dia 2, perante a hipotese duma greve geral nos Caminhos de Ferro, o Quartel-Gen.al nomeou-me nem mais nem menos do que Superintendente Geral nos transportes da area da Divisão!...

Fiquei aturdido... Apresentei-me no Quartel-G.al e pareceu-me que fiquei devendo a honra da nomeação ao Chefe do Estado Maior, o Cor.el Luis de Carvalho Martins, homem sério, m.to correcto, ponderado, mas que, neste caso, me pareceu não ter bem a noção das realidades.

Recebi ordens e uma pasta com muita papelada relativa ao assunto que eu em casa folheei e, com franqueza, preocupado

a valer com as complicações de tal serviço a que nunca me dediquei e que duvidava ser capaz de cumprir.

Passei três dias aborrecido com a perspectiva duma barafunda com que me não entenderia; felizmente, em 5 desse mês de Outubro, apresentou-se, mandado de Lx.ª exactamente para esse fim, o meu condiscípulo Atílio Augusto Valdez de Passos e Sousa, creio que já tenente-cor.el do Corpo do Estado-Maior.

Foi um alívio!

Larguei-lhe a pasta com toda a papelada e as boas intenções. E afinal não foi necessária a intervenção do Superintendente Geral; a greve dos ferro-viários não rebentou.

E eu voltei nesse mesmo dia 5 á pacatez do Grupo — para no dia seguinte ter de intervir em episodio doutra ordem, bastante desagradavel e que me deu q. fazer.

Estava em Coimbra como Governador Civil, não sei por que bulas, o então ten.te coronel de Infant.ª José de Oliveira Gomes, velho conhecimento dos tempos da minha passagem por Mafra, em 1902-1903. Era creatura impulsiva, sem geito para a Politica

e nem sei por que carga de agua ele foi parar aquele lugar que não era dos mais faceis de dirigir.

Era Administradôr do Conc.º o Dr. Apolinario José Leal, professôr então de ensino livre de quem já aqui tenho falado por vêzes e de quem, na verd.e, era amigo.

Ora aconteceu que, no dia 7 de Outubro, pela tarde, me entrou em casa, um tanto ou quanto atrapalhado, o bom do Apolinario com a notícia de que fôra procurado pelo Cor.el Viçoso May e pelo major Luis José da Mota, para em nome do Oliveira Gomes lhe pedirem explicações ou uma reparação pelas armas por causa dum oficio que recebera dele, como Administrador do Concelho ofensivo da sua ~~[illegible]~~ dignidade de homem e de autoridade.

O Apolinario mostrou-me o oficio q. tratava de uns abusos e escandalos no mercado de D. Pedro V em que andava envolvida uma vendedeira de Ovar ainda parenta do Oliveira Gomes; lido o oficio, na verdade um tanto ou quanto agressivo, pediu que eu e o Dr. Julio Machado Feliciano fossemos seus representantes para resolver a pen-

dencia bastante dificil de resolver. Era mais um episodio desagradavel em q. me ia envolver:

Fiz algumas observações acerca do oficio e lembrei as minhas boas relações com o Oliveira Gomes; mas vi o pobre Apolinario tão sucumbido que não tive animo para recusar a intervenção solicitada.

Pensando bem, ambos tinham procedido mal: o Administrador porque mandou um oficio nada diplomatico se bem que fundamentado; o Governador Civil porque pôz de lado a sua autoridade de superior hierarquico e desceu a desafiar para duelo um ~~[illegible]~~ subordinado com a agravante de ser mestre-de-armas que, creio, o impossibilitava de desafiar quem o não fosse.

Enfim, era para mim uma situação desagradavel; mas que fazer? O Apolinario não encontraria outro q. quizesse tais responsabilidades. Disse que sim.!

Combinou-se pelo telefone um encontro com os representantes do Oliv.ª Gomes, ás 9 h. da noite, no consultorio do Dr. Julio Machado Feliciano, na rua de Ferreira Borges, esquina das Escadas de Sansiapo.

0-12

Os dois patronos do Oliveira Gomes compareceram, solenes, com ar reservado. Sentados á volta duma mêsa da sala de espera, o Cor.el May repetiu a formula exigida pelo seu constituinte: ou retratação ou reparação pelas armas.

Comecei, então, a fazer ver que o oficio do Dr. Apolinario não era causa suficiente p.a tal imposição; desenvolvi considerações de varia especie tendentes a mostrar que o Oliveira Gomes foi precipitado como alias era proprio do seu temperamento; fiz ver a inconsequencia de um Governador Civil desafiar para duelo um Administrador do Concelho; puz a questão de o Oliv.a Gomes ser mestre-de-armas que, segundo julgava, o impossibilitava de desafiar quem o não fosse.

O Cor.el May, porem, impassivel, porventura sentindo-se incapaz de rebater os meus argumentos, repetia o dilêma: ou retratação ou duelo!...

Eu começava a suar pois os dois adversarios não falavam e toda a m.a argumentação caía no vazio. O Dr. Julio Machado olhava para mim com a tésta franzida, um tanto ou quanto aflito. Vendo que era em vão

que gastava palavreado, mudei de tactica e disse com certo calor que o Ten. cor.el Oliveira Gomes, mestre-de-armas, cometia uma acção pouco digna desafiando um individuo que, pela sua compleição fisica e ignorancia total de esgrima, não estava em condições de aceitar duelos; que conhecia bem o Ten. coronel Oliv.a Gomes, espirito generoso e, até certo ponto, cavalheiresco e por isso não acreditava que o desafio fosse posto com serenidade mas sim debaixo de impulso desagradavel de momento.

O cor.el May concordou, mas caiu na outra ponta do dilema:

— Então o Sr. Leal que faça uma retractação...

Eu tive um movimento brusco e joguei as ultimas:

— Retractação?...

E com um pouco de violencia perguntei-lhes se eles, oficiais com brio, tinham consciencia do que era uma retractação... Lembrei a origem da palavra e fingindo-me erudito em Filologia atirei-lhes com quaisquer derivações latinas e continuei dizendo-lhes que o pedido duma retractação era acto que não ficava bem a gente com caracter porque era

o mesmo que exigir uma vilania — e neste teor continuei em pensão que eles ouviam já com melhor cára e o Dr. Julio Machado ouvia com a testa desenrugada: sinais de melhoria no ambiente...

E de repente voltei-me para o Luis José da Mota e dirigi-lhe esta estocada que pareceu dar certo:

— Oh Mota: se alguem se te dirigisse a pedir que te retractasses de qualquer frase pronunciada, o que fazias?

Ele não esperava pela pergunta; mexeu-se na cadeira e ainda o estou a ver a querer achar uma resposta. Porem, eu acudi logo:

— Com o teu temperamento e o teu brio, calculo bem que resposta darias...

E notando que os dois me pareciam abalados, mudei de tom e disse-lhes amavelmente, puxando dum caderno de papel que o Dr. Julio Machado oferecera e da minha caneta de escrever:

— Pois bem... Vejo que os meus Ex.mos camaradas compreendem bem a situação e eu vou fazer um rascunho da acta que deve fazer justiça a todos... E V.Ex.as dirão, em consciencia, o que lhes parecer.

E sem mais comentarios comecei a escrever a parte principal da acta que ia lendo em voz alta:

«... Pelos segundos signatarios foi dito que o seu constituinte, ao escrever o oficio que motivou a pendencia, estava sob a impressão de estranheza que lhe causara a sua demissão de Administrador do Concelho por um simples alvará sem qualquer expressão atenciosa; e que, ao dirigir o referido documento, apenas visára a acção politica daquele Ex.mo Sr. e nunca o seu caracter que tem em grande consideração...»

Nesta altura, o Cor.el May objectou que a alusão final do oficio á concordancia do Oliveira Gomes com os abusos e escandalos no mercado D. Pedro V não poderia ser considerada alusão politica mas sim pessoal. Eu fiz uma pausa e escrevi no rascunho a objeção apresentada e continuei a acta:

«... a isto responderam os segundos signatarios que o seu constituinte de forma nenhuma visava a honorabilidade pessoal do Ex.mo Sr. José de Oliveira Gomes e, como a alusão referida por assim dizer explode toda a exposição do oficio, julgavam que a explicação

dada deveria satisfazer os primeiros signatários porque ia assim anular a intenção ofensiva que se poderia ver no citado documento e mostrar que o seu constituinte não julga o Ex.mo Sr. José de Oliveira Gomes capaz de conivência nos abusos e escândalos referidos.»

A explicação que eu ia escrevendo e lendo em voz alta, não era, verdade, verdade, muito convincente mas os dois padrinhos opostos não fizeram mais objecções, tiveram gestos de aquiescência e eu, para não deixar arrefecer, logo continuei na escrita:

«E como os primeiros signatários julgaram suficientes as explicações dadas, a ilibada, foi completo, a honra do seu constituinte, deram todos os signatários por finda esta pendência de que se lavrou etc. etc.»

E sem dar tempo a reconsiderações, puxei de uma folha de papel e de outra que dei ao Luís Mota e comecei a escrever, a valer, a acta que este ia também escrevendo no duplicado. Lidas e verificadas as duas escritas (1), assinámos os quatro; o Co

---

(1) A acta, as cartas credenciais e o ofício do

ronel May e o Luis Mota tomáram conta de uma e despediram-se; eu e o Dr. Machado Feliciano acompanhámos-los até ao cimo da escada cerimoniosamente e voltámos á sala onde o Julio Machado me deu um abraço e me confessou o medo que teve dum mau desenlace do caso.

Ele via bem que o amigo Apolinario Leal se excedera e não estava em bons lençóis e ao notar o esforço q. eu fazia p. convencer as outras testemunhas, pensou rapamente em que teria de me dar qualquer injecção recomfortante...

Em vez, porem, da injecção, foi a um armario, tirou uma bandeja com dois calices e uma garrafa de Porto ou Madeira e bebêmos á saude do nosso constituinte e para me aquecer da suadoira que sentia — ao mesmo tempo que iamos comentando o fraco valor de tais padrinhos que, afinal, deixaram o seu afilhado na mesma posição.

Depois de descançados e confortados com os calices, fomos direitos a casa do Dr. Apoli-

---

Dr. Apolinario estão guardados devidamente na pasta dos documentos.

nário Leal que, muito naturalmente, estava á nossa espera cheio de anciedade e nervosismo. Ficou radiante e quiz saber como tudo se passára pois não contava com tal desfecho. Notámos que ficou sensibilisado com a nossa defesa e para celebrar o acto ofereceu ao Dr. Julio Machado um pequeno busto do Dr. Brito Camacho que ele cobiçava ha muito; e a mim, puxou duns oito volumes da <u>Monarquia Lusitana</u>, da edição da Academia das Ciencias, dos fins do seculo <u>XVIII</u>, encadernados em carneira e ofereceu-mos apesar das minhas instancias na recusa.

E assim acabou este episodio bastante desagradavel.

No dia seguinte, o Oliveira Gomes chamou-me ao telefone. Nervoso, atirou-se a mim por causa da solução dada á pendencia; observei-lhe que se deveria antes zangar com as testemunhas que escolhera, que o não defenderam, e não comigo que defendi um amigo com os recursos que tinha e sem más vontades para com ele, Oliveira Gomes; disse ainda que não tinha culpas de os dois camaradas se darem por satisfeitos com as nossas propostas, etc.

Foi discussão um tanto ou quanto viva e azêda que ele terminou por dizer que se ia embora, que estava farto de Coimbra que era afinal uma estrumeira onde fôra cair, etc.

O Luis Mota, algum tempo passado, contou-me que, quando ele e o May lhe entregáram a acta e lha leram, o Oliveira Gomes ficou furioso e quase os descompoz por se deixarem convencer tão facilmente.

E tinha razão...

E os dias correram. E por Decreto de 31 de Dezembro fui contemplado com o gráu de Comendador da Ordem Militar de Aviz por estár ao abrigo (segundo o decreto) do artigo 18º do Decreto nº 6205 de 8 de Novembro do ano de 1919 (1). Estava por comendadôr...

Assim acabou o ano de 1920 e ia entrar o de 1921 que me traria novidades.

Lisboa:

20-Março-a 5 de Abril de 1963.

---

(1) Confirmação em Ordem do Ex.to nº 23, 2ª série, de 31 de Dezembro.

VI

«... sucessos que temos a glória de ir desenterrando do pó do esqueci-mento.»

Alex. Herculano: Monge de Cister 3ª edª, pag. 272 do vol. I, cap. XIV.

«... La Historia, como la Agricultura, se nutre de los valles y non de las cimas, de la altitud media social y non de las eminencias.»

José Ortega y Gasset: La Rebelion de las masas, pag. 25, cap. II da 9ª edição.

E o ano de 1921 surgiu e eu vou conti-nuar com esta série de bagatelas que me di-zem respeito e que, aliás, não prejudicam nin-guém nem a História...

Coisas corriqueiras, talvez, mas que eu sinto prazer em rememorar e, francamente, em deixar contadas em prosa simples, para os outros.

Vamos, pois, seguindo paulatinamente como é proprio dos velhos.

Logo em Março surgiu ordem para dois subalternos e um dos comandantes irem à Escola Pratica de Mafra a um curso de metralhadoras pesadas, aqueles como alunos, este como assistente.

É claro que o Monteiro, sempre comodista e com negocios pendentes da sua grande lavoura, não tinha vontade de ir; sondou-me a esse respeito e eu aceitei logo a diligencia porque isso representava umas semanas passadas na Paz e era uma variante para a vida normal e rotineira.

Fui eu, pois, o nomeado e no dia 5 desse Março referido, lá fui com a familia para Mafra e comigo iam dois subalternos: o Frederico Lopes da Silva (que morreu general ha pouco) e o Fernando de Oliveira Leite hoje capitão na reserva e em serviço no Batalhão da Guarda Republicana em Coimbra.

Apresentei-me em 6 e lá fui assistindo sempre á instrução que era interessante e de que, no final, fiz o competente relatorio no qual deixei notas relativas aos escusados estrangeirismos usados por tudo e por nada.

Era comandante da Escola o coronel José de Oliveira Gomes já anteriormente falado por causa dum duelo com o meu velho amigo Dr. Apolinario José Leal[1]; recebeu-me muito bem como se nada tivesse havido e não falámos no caso.

O curso seguiu com algumas interrupções — interrupções que me deram ensejo, em 9 de Abril, a ir a Lisboa assistir ao cortejo em honra do Soldado Desconhecido.

Tive a sorte de ver de perto, na Avenida 24 de Julho, na confluencia da avenida de D. Carlos, os tres generais estrangeiros convidados: o marechal Joffre, o italiano Diaz e o inglês Smith.

Gostei de ver o marechal francês, homem espadaúdo, pesado, mas com aspecto ainda de desembaraçado, bigodeira branca, espessa; manejava o bastão com gesto largo, no meio dos outros dois. Impressionei-me com o ver, pois relembrei os dias angustiosos do começo da guerra, quando ele, com grande serenidade aguentava todo o pêso das responsabilidades do comando su-

[1] No cap.º anterior.

prémios. Ficou-me na memoria a sua figura, de certa imponencia mas ao mesmo tempo de irradiante bonomia.

O curso terminou em 6 de Maio; voltei para Coimbra em 7 e em 8 estava de novo no Grupo, ora como 2º comandante ora como comandte interino pois o Monteiro, volta e meia, arranjava pretextos para afastamento de Coimbra cuidando mais dos seus negocios ou em Condeixa ou em Mertola do que os do corpo que lhe confiaram.

Quando de Mafra regressei a Coimbra, andava no ar a ideia do Lampadario para a Batalha, para o tumulo do Soldado Desconhecido obra confiada ao Lourenço Chaves de Almeida que era então 1º sargento-espingardeiro do regimento de Infantª 23.

Embora o Lourenço já tivesse feito certas obras em ferro com valor artistico, o Lampadario é que lhe deu nome, o tornou conhecido e lhe proporcionou bastantes encomendas lucrativas.

Mas a verdª é que a obra custaria mto dinheiro e daí a ideia dum espectaculo no teatro para arranjar fundos; e se falo nisto

é porque tive a minha parte nele autorisando a representação da Ceia dos Generais, uma especie de paráfrase á celebre Ceia do Julio Dantas.

Já me referi anteriormente a esta recita e a outra em que a mesma Ceia foi representada com ligeira alteração dos interpretes.(1)

Passo, pois, adeante.

No verão, em Setembro, fiz uma excursão com o Professor primario Horácio Antunes e o licenciado Jorge Raposo, á freguesia de Campelo (antiga freguesia do Concelho de Miranda do Corvo, hoje do de Figueiró dos Vinhos) e á Castanheira de Pêra.

Foi uma bela excursão, feita a pé, em 2 dias, com volta pelo Alto do Trevim - era no tempo em que eu fui infatigavel caminheiro.

Depois, andei com a familia pelo nosso alto-Distrito e pelos Concelhos de Seia e Gouveia e Serra da Estrela; foram dias agradaveis que passaram sem os poder refe-

---

(1) No vol.   destas Memorias e na Pasta dos recortes, no ano de 1921.

tir; a vida não consentiu outra escapada se melhante.

Por essa altura de Setembro, tive troca de correspondencia com o general Alberto Carlos da Silveira, antigo unionista.

Não sei já bem contar nem estou para consultar jornais da epoca com o fim de me esclarecer melhor; do que me lembro é que o general era ministro da Guerra num ministerio presidido pelo honrado Tomé de Barros Queiroz e por virtude duma questão levantada a proposito de qualquer medida relativa aos oficiais milicianos, o ministerio caiu arrastado pelo ministro da Guerra muito atacado no Parlamento pelos energumenos da Politica.

O caso era relativamente simples mas revestia certa importancia porque contendia com a disciplina militar e o bom nome do ministro; eu não me contive e lembrando-me da solidariedade que o gen.^al Silveira me deu na altura do incidente de Castelo-Branco, mandei-lhe um cartão afectuoso e em termos claros como é meu hábito.

O gen.^al Silveira era considerado homem honrado, bem intencionado e escrupuloso; não o conhecia pessoalmente mas

fiquei-lhe devendo o apoio moral naquele mau momento da mª carreira e por isso en-di que lhe devia pagar em moeda semelhan-te. Não deixei copia do bilhete; mas o Gene-ral gostou do meu acto e respondeu-me com a seguinte carta:

«Governo do Campo Entrincheirado de Lisboa. — Gabinete do Governador. — Caxias — 15-9-21 — Meu prezado Cam.de e amigo — Muitos agradecimentos pela amabilidade do seu bilhete. Aos velhos unionistas amigos de Brito Camacho, como V... devo eu explica-ções do procedimento que politicamente vou adoptar. Sáio do partido liberal, onde me não é possivel acamaradar com pessoas que fazem da politica um meio de subir, sem se importarem dos que trabalham sincera-mente e arredando-os receiosos / de que es-se trabalho os valorice e lhes ~~possa~~ crie uma situação que possa prejudicar as ambi-ções ilicitas daqueles cavalheiros de industria. — Sáio aborrecido e magoado. Entrei para o Ministerio com o fim de realizar a obra de moralidade e de disciplina que é abso-lutamente necessaria fazer-se no exercito;

sem a qual tudo isto se afundará. — Foi-me possivel iniciar esta obra, apenas, na parte . . . . . [1]/cá para fóra; mas o meu trabalho a dentro das secretarias do Ministerio, limpando-as de milhares de processos que a incuria de numerosos ministros deixára acumular com manifesto descredito para o exercito, foi — deixe-me falar assim — verdadeiramente colossal. — Em breves dias publicarão os jornais a carta que dirigi ao Directorio, despedindo-me do partido e só lamento que as circunstancias me forcem a dar este desgosto ao meu velho e querido amigo Brito Camacho. — Se um dia o meu camarada vier a Lisboa, desejava que se avistasse comigo para então, mais detalhadamente, conversarmos sobre estes assuntos. — Mande sempre o seu — cam.da e amigo — (a) Alberto da Silveira.» [2]

Respondi, daí a dias, com esta outra epistola:

---

(1) Ilegivel
(2) Esta carta está guard.da na respectiva caixa

0—13

« Oliveira do Hospital — 25 de Setembro — Ex.mo Snr. General. — Depois de uma agradável digressão pelos concelhos de Seia e Gouveia e pela Serra da Estrela, vim encontrar aqui a amável e honrosa carta de V. Ex.a que eu, penhoradamente agradeço. — Segui atentamente a questão chamada « dos milicianos » e embora, como militar, não tivesse que discutir ou apreciar os actos de V. Ex.a como ministro, o certo é, porém, que inteiramente eu concordava com o procedim.to e com a atitude que V. Ex.a nele tomou, pois segundo o meu modo de ver, não deveriam ser outros. Esta a razão porque cumprimentei V. Ex.a quando deixou o Ministério; era por assim dizer, um acto de solidariedade de disciplinado e que levava também, valha a verdade, uma pontinha de protesto contra o modo por que foi apreciada e combatida a solução dum caso meramente disciplinar. — De forma nenhuma, pois, eu esperava de V. Ex.a uma explicação tão atenciosa; não me julgava com direito a ela nem mesmo V. Ex.a tinha que explicar a creatura absolutamente obscura e inútil como eu, o que quer que seja da sua vida. — Julgo-me pois, creia V. Ex.a, muito honra-

do com essa atenção e ainda mais por ver que tenho companheiros como Vêa. na forma de apreciar certos politicos. — Quando o Partido Unionista se ligou com o Evolucionista, eu afastei-me e declarei não querer entrar no novo Partido exactamente porque, na minha terra, me não serviam os dirigentes novos e por ter um pouco a percepção daquilo a que V. Eêa. se refére na sua carta. Este afastamento não excluia a admiração e consideração que sempre tive pelo sr. Dr. Brito Camacho e pelos correligionarios mais cotados que o rodeávam; o q. não queria era, precisamente, ser um dia afastado para não travar a marcha ascencional de qualquer creatura que quizesse trepar. — Por tudo isto, num simples billete, cumprimentei Vêa. e por tudo, apara, renovo a mª solidariedade, rogando ainda a Vêa. que veja se descobre algum prestimo naquele que, c/a maior consideração se subscreve, etc. etc.»

Apezar do convite do general para me avistar com ele, nunca o procurei, como é do meu costume e até posso dizer que nunca o vi; depois desta mª carta, as nossas relações cessaram, não por eu querer deliberadamente

nem havia razão para isso, mas por este meu feitio a que ainda estou apegado e com o qual conto morrer.

E assim chegou o mês de Outubro em que, mais uma vez, o País e o Regime estiveram á prova e á mercê de bandidos pagos por quem tinha cofres repletos e a malvada intenção de aniquilar a Republica.

Não tenho, evidentemente, provas que confirmem os meus juizos; mas tantos indicios e suspeitas andavam no ambiente pesado dessa terrivel quadra que tudo leva á convicção de que os argentarios associados á Companhia de Jesus armáram o espectaculo vergonhoso.

Quero-me referir á matança de 19 de Outubro em que uma ~~...~~ horda de selvagens pagos assassinou o Antonio Granjo, o Carlos da Maia, o Machado dos Santos e não sei quem mais, não me lembro já, com requintes de ferocidade que sómente se explicam pela escolha propositada de celerados feita em alfurjas de cotação elevada.

Era então Governador Civil em Coimbra o José Maria Cardoso que era meu amigo; procurei-o para saber o que havia em Lis

boa, tão desencontrados eram os boatos e as raras notícias, algumas aterrorizadoras. Encontrei-o só no gabinete, sucumbido; mostrou-me os jornais com lágrimas nos olhos e quase sem poder falar.

Os jornais diziam que tomara conta do poder o Manuel Maria Coelho com elenco de gente nova e que acalmara a agitação nas ruas; mas a matança no Arsenal, essa era mais uma nódoa no regime e quiçá uma machadada. De positivo, porém, nada se sabia, as comunicações foram cortadas e não havia a certeza de os assassinos não andarem à solta por Lisboa e província e a eliminarem este e aquele vulto apontado pela conjura negra.

Fui para casa apreensivo. Ao jantar recebi um bilhete do Chefe do Est.º Maior da Divisão (então o ten.te-cor.el Carmine Ribeiro Nobre) convidando-me a ir ao Quartel-General. Lá fui, intrigado.

O General, José de Simas Machado estava no gabinete acompanhado pelo José Maria Cardoso e expoz-me as suas apreensões a respeito do que se passaria em Lisboa de onde não vinham comunicações oficiais e pa-

deu-me que fosse no comboio da noite, á paisana, mas com farda numa maleta, saber o que havia e procurar, logo que averiguasse alguma coisa, comunicar para Coimbra.

E' claro que não cocei a cabeça como qualquer camponês desconfiado quando se lhe põe problema grave; mas disse para comigo que mais uma vez as espigas me caiam nas costas...

Que havia eu de responder? E' claro que disse que sim.

O dr. José Cardoso explicou-me depois q. o General ao conversarem sobre a situação, confessára que não sabia a que oficial confiaria a missão pois ainda não conhecia bem a guarnição e que ele, José Cardoso, tomára a liberd.e de apontar o meu nome.

Fui para casa, arrumei uma farda em maleta velha e lá fui á noite, para a estação com uma guia que dizia ir apresentar-me na Repartição do Gabinete da Secretaria da Guerra «em missão especial» por ordem do Comando da Divisão.[1]

---

[1] Conservo esta guia na Pasta cit.a dos documentos.

O comboio ia quase ás moscas; o pessoal ferro-viario nada sabia e eu fui pensando pelo carrinho como me sairia da missão se as feras andassem ainda ás soltas. Não dormi. Em cada estação ia ás janelas da carruagem ver se ouvia alguma coisa quer do pessoal quer dos passageiros; mas nada!

Cheguei ao Rossio, com atraso, já dia claro; fui pôr a maleta na arrecadação dos volumes de mão; saí ao Largo de D. João da Câmara e fiquei um tanto ou quanto pasmado: parecia-me que Lisboa estava na sua vida normal das manhãs.

Não havia tropa pelas ruas, os electricos circulávam, gente ia aos seus trabalhos, os restaurantes e cafés abertos...

Ao menos fiquei sossegado e tão sossegado q entrei num café e tomei qualquer refeição quente porque ia com fome e com frio. Depois segui rua do Ouro abaixo, pacatamente, observando que nada indicava que na ante-vespera uma onda de malvadez, de selvajeria e de sangue correra pela cidade.

Cheguei á arcada do Ministerio do Interior e fiquei-me a olhar: numa cadeira de engraxador o Manuel Maria Coelho sos-

upadamente confiava a um pobre artista o tratamento das suas botas... Discretam.te dois guardas á paisana vigiavam a pequena distancia.

Não hesitei: puxei da carteira, mostrei a um dos guardas a minha guia e o meu cartão de identidade e dirigi-me ao cor.el Coelho, Presidente do Ministerio. Disse-lhe ao que ia; recebeu-me bem e com ar fatigado e gesto largo que abrangia o terreiro do Paço e as arcadas, disse-me:

— Como vê, meu major, a cidade está em sossêgo... e vive a sua vida normal...

Troquei com ele ligeiras palavras e perguntei se queria alguma coisa de mim visto dizer-me que as comunicações com o País estavam a funcionar e a minha missão por isso estar terminada; despediu-me amavelmente e com um aperto de mão acabou a conversa:

— Dê os meus cumprimentos ao Dimas.

Não quiz ouvir mais... Voltei rua do Ouro acima e fui á estação saber a que horas havia comboio. Partia daí a pouco um para o Porto; requisitei bilhete, fui levantar a maleta e eis-me de regresso a Coimbra, moído,

incomodado, e conforme que só no Entroncamento consegui em parte apaziguar.

Logo que cheguei a casa fardei-me e fui ao Quartel-Gen.al; o General Simas Machado estava a escrever quando me anunciei; recebeu-me com ar de indiferença quase como quem recebe importunos. Ia-lhe a expor a conversa com o Manuel M.a Coelho; mas ele cortou-me a fala dizendo que já sabia que tudo estava em sossêgo, que já falara para Lisboa, etc. e sem um aperto de mão atencioso ou um vulgar "obrigado!", fez o gesto de me despedir como a qualquer ordenança.

Ao passar pelo gabinete do Chefe do Estado-Maior mostrei o meu desagrado pela receção e fui ainda ao Governo Civil onde desabafei com o bom José Cardoso.

Bem sei que a missão foi nula; mas quando o General me deu a guia de marcha, a missão era suspeita, desagradavel e, poderia dizer, perigosa — e tanto assim pensaria que ele não sabia a quem a confiar e teve de recorrer ao Governador Civil.

Ao menos o General Simas que era homem muito educado, poderia ter-me dito afavelmente:

— Olhe, major: obrigado e desculpe o incómodo.

Seria até o que se diria a um creado... Este caso ficou-me sempre na memoria e, como se diz em calão, atravessado.

Depois, com o tempo, o Gen.al Simas Machado deu-se bem comigo; fomos até companheiros no Conselho de Arte e Arqueologia; eu ofereci-lhe qualquer folheto meu — mas fiquei sempre com a pedra no sapato e mais tarde, como contarei no seu lugar, em vesperas do celebre 28 de Maio, houve desaguizado que fez cortar as boas relações.

Será o caso narrado na sua altura se a vida lá chegar e os olhos e o pulso derem licença.

E assim o tempo foi passando na boa rotina do Grupo de Metralhadoras quando em Novembro se deu um episódio apenas curioso, se não foi cómico, que sempre vou contar por desfastio.

Sempre tive desprezo por condecorações e nunca pensei nessas honrarias sem significado. Até o que eu observava a tal respeito era o suficiente para não tomar a coisa a serio.

Ora aconteceu que em Novembro rece-
bi da Chancelaria das Ordens Militares um
oficio que acompanhava, nem mais nem
menos, do que o diploma de Comendadôr da
Ordem de Cristo, concedida pelo Presidente
da Republica e sob proposta do Ministro da
"Guerra e aprovação do Conselho da Ordem »
no mês de Setembro anterior.

Fiquei-me a olhar...

Eu, comendadôr de Cristo como qual-
quer brasileiro de torna viagem que juntou
patacos em terras de S.ta Cruz!

Quem seria o da lembrança?

Fui ter com o Monteiro e perguntei se
foi ele o autor da façanha; pelo tom em q.
fiz a pergunta percebeu que a honra que me
quizeram dar batera em falso; disse-me q.
não foi e é possivel que dissesse a verda-
de. O ministro, na data da proposta, era o
general Alberto Carlos da Silveira, velho cor-
religionario; no oficio dizia-se que a pro-
posta era dele, mas isso seria a formula bu-
rocratica e nada mais.

Enfim, fiquei sem o saber. O certo é que
mandei comprar meia-folha de papel selado
e em 23 de Novembro escrevi um requerim.to

ao ministro em que dizia ter recebido o diploma mas «não desejando aceitar a honra que lhe foi concedida por se não julgar merecedôr dela e, ao mesmo tempo, por não estar em condições de fazer face aos encargos do Decreto nº 5633 de 10 de Maio de 1919» solicitava autorização para «a renuncia de tal honra.»

Quando levei o requerimento ao Monteiro, vi bem que não gostou e que ainda quiz protestar dizendo que parecia mal, que o ministro não gostaria e outros argumentos mais ou menos parvos; mas eu insisti na remessa do papel e, com efeito, o papel lá foi ao seu destino.

Em meados de Dezembro seguinte recebeu-se no Grupo uma nota da 2ª Repartição da 1ª Direcção Geral, datada de 15 em que o General Director Geral comunicava que fôra deferido o meu requerimento...

O ministro é que já não era, felizmente, o bom Alberto da Silveira. E assim me livrei de ser comendadôr da Ordem de Cristo e de pagar os direitos de encarte que ainda eram pesados.

Quem diabo é que teria a triste lembrança de me fazer comendadôr de Cristo?

E o ano de 1921 ia terminar não sem um acontecimento desagradavel: no dia 26 de Dezembro morreu o General reformado Francisco Augusto Martins de Carvalho, filho do velho e conhecido jornalista liberal Joaquim Martins de Carvalho que na vida e na história de Coimbra ficou a marcar uma honrosa posição.

O filho, o General, ao mesmo tempo que era liberal, emparceirava politicamente com o conselh.º João Franco, possivelmente por influencia do filho Fernando que foi ministro da Fazenda com aquele chefe politico. Por isso, se a memoria me não atraiçôa, foi reformado quando o ministro Pimentel Pinto quiz limpar o exercito dos adeptos do Franquismo.

Salvo erro, comandava então o regimento de Inf.ª n.º 13, em Vila-Real de Traz-os-Montes desde 31 de Dezembro de 1901, comando que exerceu por pouco tempo.

Uma vêz reformado, regressou á sua terra natal, confinou-se na riquissima biblioteca paterna, no prédio ao cimo da parte ladeirenta da rua do Corpo de Deus e na continuação d'O Conimbricense; e sossegadam.te ia trabalhando e facilitando generosamente o

trabalho aos outros com as facilidades de consulta dos seus livros.

Creio já nestas páginas ter falado dele e confesso ter ficado a dever-lhe muitas atenções e obséquios.

A sua biblioteca estava sempre aberta para mim, como se fosse pública; chegou a confiar-me uns manuscritos, por uns dias, coisa que não faria a ninguém. Quem quizesse consultar, consultasse lá em casa, onde havia uma mesa em frente da dele p.ª o consulente.

O meu estudo da acção na Cruz dos Moroiços em 1828, foi quase todo feito sobre livros e folhetos raros que ele me ia indicando, interessado como andava com o meu trabalho.

Era excelente cavaqueador e por vezes com pontinha de ironia, principalmente se a podia aplicar a qualquer sucesso político do regime republicano — com que ele, muito discretamente, não concordava.

Foi em casa tão acolhedora como era a do General, que eu conheci o dr. António Ferrão, ido a Coimbra propositadamente para estudar qualquer assunto cujas fon-

tes não encontrara em Lisboa, nem mesmo na Biblioteca Nacional.

Tentou fazer uma 2ª edição do seu <u>Dicionário Bibliográfico Militar</u> e reuniu enorme material para o qual, seja dita a verdade, eu concorri bastante e com a melhor vontade. O volumoso manuscrito que constitue esta tentativa está arrumado ou possivelmente abandonado no Arquivo Histórico Militar e estou convencido de que ali ficará para sempre entregue ao caruncho e aos ratos.

Creio que já nestas m.as <u>memórias</u> falei de uma diligência para a publicação feita pelo genro o juiz Gilberto de Aragão que se aproximou para isso do então sub-secretário ou já ministro Santos Costa.[1]

O certo é que me sentia bem em casa dele; não só pelo ambiente (umas salas cheias de estantes a abarrotar de livros, folhetos, pastas com colecções raras, etc.) como pela própria presença do anfitrião, figura respeitável, bem educado, e conversador emérito em quem transparecia o gosto de receber visitantes cultos.

---

(1) No vol.º

Ficávamos, muitas vezes, depois das minhas consultas ou buscas, a tagarelar; e ele tinha sempre episódios passados que contar e certas perguntas para fazer, pois era curioso de novidades.

(Como estava) nos últimos tempos, sempre metido em casa porque lhe custava subir a ladeira que é íngreme, gostava de saber o que se passava na cidade e era vulgar vê-lo numa janela gradeada do prédio, atento ao movimento da rua e à espera de que qualquer conhecido passasse para lhe saciar algum tanto a curiosidade.

Assim passou o resto da vida, afinal operosa e útil; deixou uns livros de história militar apreciáveis, inúmeros artigos históricos no Conimbricense e o volume Algumas horas na minha livraria que é hoje muito procurado e valioso no campo da bibliografia.

Era, enfim, pessoa muito estimável mas que, pelo seu retraímento começou a ser esquecido; e a verd.e é que o seu funeral foi um vulgar funeral a que compareceram as poucas pessoas que dele se aproximavam e outras ~~por~~ por certas obrigações sem

importância ou por simples cortezia para com a família.

Assim passa tudo. Há pouco, o advogado Antonio de Carv.º Lucas tentou lembrar o dever de se celebrar o 1.º centenario do seu nascimento; o apêlo, porem, sôou em vão e ninguem mais, creio eu, falou no assunto. (1)

Lisboa:
10 a 26 de Abril
de 1963.

0-14

VII

«... é preciso que se pintem os homens tais quais tem sido...»
Memorias da vida de José Liberato Freire de Carvalho, pap. 305.

«L'idée m'est venue d'essayer un recit de toute cette histoire.»
Paul Bourget: *La Duchesse Bleue* pap. 1.

Agora talvez seja a ocasião de lembrar uma instituição a que me vi ligado sem eu querer nem mesmo desejar e na qual se desenvolveu um episodio infeliz da minha vida, episodio que ia dando amargos de boca não só a mim como a outros que os sentiram por minha culpa.

Refiro-me ao Conselho de Arte e Arqueologia da 2ª Circunscrição com séde em Coimbra — do qual irei falar conforme a memoria e

umas notas colhidas ha uns doze anos nos restos do arquivo que escapáram ao incendio no Ministerio da Instrução ou Educação (como quizerem) Nacional.

O Decreto de 26 de Maio de 1911 [1] que reformou e organizou os serviços artisticos e arqueologicos, creou Conselhos de Arte e Arqueologia em Lisboa, Porto e Coimbra.

A intenção de quem fez a reforma foi a de dar realidade a muitas aspirações de artistas e criticos de arte no que tocava á conservação de monumentos, á criação de museus, ao possivel inventario da riqueza artistica e arqueologica do País; e assim, a divisão do territorio continental em 3 circunscrições descentralizava da capital esses serviços e facilitava a fiscalização e cumprimento das disposições legais.

Criáram-se, pois, as 3 circunscrições. A segunda correspondia aos distritos de Aveiro, Coimbra, Vizeu, Leiria, Guarda e Castelo Branco e o Conselho era formado por vogais efectivos, correspond.tes, honorarios e auxilia-

---

[1] Diario do Governo, n.º 124 de 29 de Maio.

res e cabiam-lhes largas funções e obrigações — como estudar, conservar e enriquecer as colecções de museus; adquirir obras de arte e peças arqueológicas para os mesmos; classificar os monumentos, velar pela sua conservação e propôr reparações ou restaurações; promover conferencias; arrolar o que houvesse de valor artístico ou arqueológico; dar parecer acerca de todos os assuntos de arte e arqueologia submetidos á sua apreciação, ou conselho, etc.

Era, pois, larga e pesada a função dos Conselhos. Porem, o legislador não se lembrou ou porventura o fez de proposito, de facultar com a mesma largueza com que impunha obrigações, os meios de as cumprir.

Praticamente, os Conselhos só tinham a função de dar pareceres sobre assuntos que se lhe apresentavam — e pouco mais.

Alem disso, a centralização era forte e os Conselhos, verdade, verdade, para pouco valiam.

Havia, por disposição do art.º 18.º do Decreto cit.º uma Comissão Executiva com cinco vogais para direcção superior do Conselho e outra (art.º 19.º), Comissão dos Monumentos

para sua classificação, reparação e possivel restauração

Tudo isto estava mt.º bem se não fosse mais teorico (ou somente teorico) do que pratico, pois nada se podia fazer sem autorizações superiores e muitas peias de secretaria vinham impedir toda a iniciativa que parecia estar nas boas intenções de quem legislou.

Os Conselhos (a avaliar pelo da 2.ª Circunscrição) foram, pois, mais uma estação consultiva do que outra coisa com a agravante de q. as opiniões emitidas e sugestões apresentadas raramente serem acatadas superiormente e em regra postas de lado.

Mas, enfim, o Conselho da 2.ª Circunscrição constituiu-se com os vogais seguintes: Dr. Julio Augusto Henriques, Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, Dr. Joaquim Mendes dos Remedios, Dr. Manuel da Silva Gaio, Eugenio de Castro, Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Dr. Antonio José Gonçalves Guimarães, Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, arquitecto Augusto Carvalho da Silva Pinto, Albino Caetano da Silva, João Augusto Machado, Prof.or João Luis Mendes Pinheiro,

Luis Augusto Pereira Bastos (1) e José Pereira Dias, Dr. José Antonio de Sousa Nazaré e o director do Museu de Machado de Castro (creado pelo art.º 39 do cit.º Decreto) Antonio Augusto Gonçalves.

Esta composição de nobreza intelectual e oficial (ou jarrões para empregar termo fricaresco) e Povo sem pretensões, foi defeituosa como era facil de ver; alem disso a quase totalidade dos jarrões era adversa ao regime e, dentro dos preceitos naturais, não deixariam de fazer finca-pé em tudo ou quase tudo para que a nova instituição não desse o resultado desejado.

E depois, o professor universitario com tinha classe muito á parte que não gostava de emparceirar com gente sem capelo.

Mas, enfim, mal ou bem, realizou-se a 1.ª sessão em 12 de Agosto de 1911 com reduzido numero de vogais — o que já foi sintomático. Compareceram Dr. Julio Henriques, Antonio Augusto Gonçalves, Albino

---

(1) Professor m.to distinto de Desenho, na Universidade, já aposentado e bastante velho. Morreu em Fevereiro de 1912 e creio que nunca compareceu no Conselho.

Cast.º da Silva, João Augusto Machado, o Dr. Mendes dos Remedios e o arquitecto Silva Pinto.

Elegeu-se a mêsa que ficou constituída pelo Dr. Julio Henriques, Presidente; Dr. Antonio de Vasconcelos, Vice-Presid.te; Dr. Mendes dos Remedios, Secretario; e Manuel da Silva Gaio, Vice-Secretario [1]; e para a Comissão Executiva foram eleitos, alem do Presidente (Dr. Julio Henriques) Antonio Augusto Gonçalves e o medico José de Sousa Nazaré.

Com esta mêsa e a comissão executiva, o Conselho começou os seus trabalhos de organização dentro, como disse, das limitações impostas pelo estatuto e pelas repartições superiores. Todavia, naturalmente hesitantes, os primeiros esforços tentados, no sentido da conservação dos monumentos, foram dirigidos para o convento do Louriçal do Campo (Conc.º de Pombal) e para o da Senh.ª da Conceição de Tentugal e ainda para o casarão do Paço Episcopal destinado ao

---

[1] Aprovadas por Portaria de 24 do mesmo mês de Agosto (Diario do Governo n.º 205)

futuro Museu de Machado de Castro — o sonho de Antonio Augusto Gonçalves.

Em 1912, Setembro, o Conselho foi aumentado com o vogal Engenh.º Paulo de Barros, então director das Obras Publicas em Coimbra, certamente escolhido por causa das reparações e ampliação necessarias no novo museu ainda nessa altura dependente da Direcção das Obras Publicas do Distrito e convinha ter mais á mão o responsavel.

E em 1913, no mês de Junho, foi eleito vogal honorario o velho farmaceutico e capitalista Manuel Augusto Rodrigues da Silva que tornou possivel com o seu dinheiro por emprestimo sem caução e sem juros, a primeira instalação, embora deficiente, de parte do Museu de Machado de Castro no edificio do Paço Episcopal, enquanto as verbas devidas e prometidas pelo Estado se não regularizassem e fossem recebidas.

E' curioso aqui lembrar uma circunstancia interessante relativam.te a instalação do Museu que só foi aberto ao publico em 11 de Outubro de 1913.

Oficialmente, o Museu de Machado de Castro começou a ser instalado e as obras foram-

se fazendo para ampliação do edificio sem que houvesse um diploma oficial que as autorizasse. O Antonio Augusto Gonçalves queria começar a instalar o museu e a transferencia do edificio que pertencia ao Ministerio da Justiça não havia manêira de se fazer para o Ministerio do Interior por onde corriam ainda os serviços de Instrução.

Com a natural barafunda politica que então absorvia as atenções ninguem ligava importancia á creação dum Museu...

O Gonçalves andava arreliado e foi o Rodrigues da Silva quem, com o seu feitio autoritario, mas pratico, começou a dizer-lhe que se não importasse com formulas, que andasse para deante, que enchesse as salas do edificio com todos os objectos de arte que tinha á sua mão e veria como ninguem daria por isso.

E na verdª creio que ninguem deu pela ocupação do Paço Episcopal sem haver qualquer formalidade que a oficializasse — e, francamᵗᵉ, não sei se até hoje alguem deu por isso e se, de futuro, poderá haver qualquer complicação, especialmente com a Fazenda.

Na sessão de Junho de 1913, tratou-se, pela primeira vez, do caso da Igreja de S. Bento ameaçada de demolição, problema já muito debatido em que entrou, infelizmente, a ância de chefia política do Alberto Dias Pereira — que veio a ser, mais tarde, um dos culpados do desaparecimento do edifício que era exemplar único de certo passo da evolução do Renascimento em Portugal.

A este caso da Igreja de S. Bento está ligado o nome do Dr. Antº Garcia Ribeiro de Vasconcelos como em tempo aqui referi com certa minucia . . confidencial.[1]

Em Novembro do mesmo ano o bom do Dr. Augusto Mendes Simões de Castro levantou outro problema que veio depois a dar amargos de boca ao Conselho: o da protecção à Quinta de Santa Cruz que por vezes era cedida abusivamente para diversões nocturnas que evidentemente estragavam bastante e, em boa verdade, não muito próprias em tal «parque» como agora lhe chamam com pouca propriedade.

O Conselho procurou remediar esses

---

[1] No vol.

mates, em Janeiro de 1914, com uma representação escrita pelo Dr. Mendes dos Remedios e depois publicada em opusculo.

Não foi, porem, atendida.

Em Novembro de 1913, como falecesse o bispo de Coimbra D. Manuel Correia de Bastos Pina, a quem o Decreto de 26 de Maio de 1911, pelo art.º 39, deixára a direcção do Museu de Arte Antiga (vulgarmente conhecido pelo Museu das Pratas), este passou para a superintendencia do Conselho de Arte que, em sessão de 23 daquele mês, tomou resoluções e na sessão seguinte de 14 de Dezembro, resolveu expôr superiormente a necessid.e da mudança daquela rica colecção de arte sacra para a Igreja de S. João de Almedina, então devoluta, que poderia ser apropriada convenientemente como depois foi

Este caso da Igreja de S. João de Almedina deu depois polemica viva provocada pelos reaccionarios que aproveitaram a brécha para mais um novo ataque ao regime. Não me recordo já dos tramites da questão; mas como me não envolvi nela não tem aqui muito lugar, mas lembro-me de que ainda incomodou alguma coisa.

Em 1814, o Conselho encetou correspondencia com o Pintor Luciano Freire para a restauração de varios quadros do Museu; e, na verd.e, devido ao saber e honestidade do ilustre artista, bastantes foram restaurados e lá estão, nas salas, para regalo dos olhos.

Ainda nesse ano, no mês de Maio, representou superiormente acerca da necessidade da reparação ~~do~~ e conservação da bela Igreja da Pedrinha — mas não deram resultado as representações bem fundamentadas. Este assim, muitos anos a arruinar-se; quando passava na estrada, durante a m.a permanencia em Leiria, sempre notava a bela ruina manoelina e me lembrava dos inuteis esforços do Conselho.(1)

Passado o ano de 1815, em que não encontrei resolução digna de referencia, deu-se certo impulso, no ano imediato, ás propostas e diligencias possivelmente devidas ao dr. João Rodrigues da Silva Couto, rapaz novo, emprendedôr e muito

---

(1) Creio que foi recentemente restaurada e aberta ao culto [Nota aos 10 - Março - 1964]

impressionado pelo tio e padrinho, Manuel Rodrigues da Silva.

Foi eleito, o dr. João Couto, em 15 de Janeiro de 1915 e quero crer que a ele se devem as diligências no sentido de se repararem e, sendo possível, restaurar, os castelos da Feira (sessão de Jan.º de 1916) e de Leiria (Idem de Março) bem como reparações para conservação da Igreja matriz de Góis (sessão de Outubro.)

E nesse mesmo ano, em Julho, o Conselho renovou os protestos contra a cedência da Quinta de S.ta Cruz para folguedos noturnos — protestos, não só não atendidos, como mal vistos pela maioria da opinião pública, mais ou menos formada pelos jornais da cidade, que parecia ver neles apenas um entrave ao progresso e ao desenvolvimento turístico da «nossa querida Coimbra» como era uso dizer-se.

Esse aspecto da questão era antipático; não sei que interesses havia debaixo de capa; o que sei porque me lembro bem é de que a Imprensa (a «nobre missão» da Imprensa) desenvolveu ataques injustos e baixos contra quem procurava salvaguardar

o belo e agradavel recreatorio dos tenuios das selvagerias e estragos naturalmente ocasionados pelos folguedos.

Enfim o episodio foi elucidativo para se avaliar a categoria dos «jornalistas» conimbricenses arvorados em mentores e inspiradores da opinião.

Ora por essa altura deu-se uma grande transformação no Conselho — transformação cuja causa nunca cheguei a saber com verdade.

Essa causa, porem, não deve andar longe da politica reaccionaria. Quase de repente, a maior parte dos vogais ou pediu a demissão ou se afastou sem dar qualquer especie de explicação; e esses vogais que assim procederam eram quase todos os mais reputados <u>jarrões</u> ou sejam os mais qualificados conservadores e alguns deles bem conhecidos reaccionarios.

Assim, o Dr. Julio Henriques solicitou excusa de presidente, cargo que, sem ostentação, honrou; e deixou de comparecer ás sessões, bem como toda a mesa, nos começos do ano de 1917; em consequencia do

que foi eleita nova mêsa (1) que ficou assim constituída: Presidente, o Dr. Joaquim Martins Teix.ª de Carvalho; vice-presidente, o Dr. Augusto Mendes Simões de Castro; secretarios: o arquitecto Augusto Carvalho da Silva Pinto e o Dr. João Rodrigues da S.ª Couto, então cheio de boa vontade e iniciativa.

O Conselho ficou ainda reduzido com a saída de outros vogais: o Dr. Gonçalves Guimarães, Eugenio de Castro, Manuel da Silva Gaio e o medico José de Sousa Nazaré, solicitada em oficios de Junho e Julho do mesmo ano de 1917; e tambem com o afastamento do professôr Mendes Pinheiro (que raras vezes comparecia) e dos Doutores Antonio de Vasconcelos e Mendes dos Remédios que parece não tiveram coragem de pedir a demissão porventura em homenagem ás velhas e boas relações com o Antonio Augusto Gonçalves.

Foi quase um descalabro que, por se dar duma assentada e por vogais, todos eles

---

(1) O Dr. Julio Augusto Henriques só pediu a demissão de vogal em 6 de Abril de 1919 alegando aliás justificadamente o seu precario estado de saude.

adversarios ou não concordantes com o regime; procuraram-se explicações, mais ou menos aproximadas da verdade e o certo é que o Conselho ficou privado do concurso de creaturas que dentro das formulas vulgares davam prestigio á instituição se bem que não prestassem a assistencia concreta e assidua de que la precisava.

Quereriam eles dar cabo do Conselho para se dizer que sem os jarrões a Republica não tinha quem a servisse no sector das Artes e da Arqueologia?

Sabe-se lá!... Com tal gente, sem coragem das afirmações, tudo é possivel.

No entretanto, procedeu-se ao preenchimento das vagas abertas; e foi então que na sessão de 5 de Agosto ainda do mesmo ano e por proposta do João Couto, eu fui eleito vogal; e na mesma sessão por proposta do Dr. Teix.ª de Carvalho o vogal honorario Manuel Aug.to Rodrigues da Silva passou a vogal efectivo.

E na sessão imediata foram eleitos mais os seguintes vogais: o engenh.º Abel Dias Urbano, o professor Alberto Cupertino Pessoa (da Facul.de de Medicina) e Silvio Pelico Lopes

de Oliveira Neto (da Escola Industrial Brotero) e o publicista José Tomás da Fonseca (da Escola Normal Primaria).

Com excepção do engenh.º Abel Urbano, os novos vogais eram todos das "esquerdas" e não sei se a escolha e a admissão do Tomás da Fonseca daria engulhos a muito boa gente...

Mas, enfim, passado o periodo de reconstituição, continuou-se a trabalhar com a mesma atenção e boa vontade a respeito dos monumentos. E assim se conseguiu a reparação do pelourinho e Casa da Camara de S. Vicente da Beira (1); lançou-se certa campanha a favor da chamada Capela do Tesoureiro na Igreja de S. Domingos, na rua da Sofia, transformada em deposito de carvão; a campanha foi porfiada e cuidadosa mas, infelizmente, sem resultado. A notavel capela lá continua abandonada, exposta a todos os estragos.

A Quinta de S.ta Cruz voltou, de novo,

---

(1) Em Novembro de 1917 foi lido em sessão, um agradecimento do escritor Hipolito Raposo, natural daquela vila da Beira-Baixa, que provocára as diligencias do Concelho.

D-15

á discussão por causa da nenhuma atenção que as entidades oficiais davam ás razões apresentadas pelo Conselho. Igualmente a instalação do Museu de Ourivesaria, Tecidos e Bordados, creado pelo falecido Bispo, em local anexo ao de Machado de Castro -voltou a ser tratado bem como outros assuntos de menor importancia, sempre ventilados e expostos com cuidado e fundamentadamente.

No entretanto, mais vogais iam sendo, aos poucos, propostos e aprovados superiormente: o dr. Gumersindo Sarmento da Costa Lobo como representante d'O Instituto de Coimbra; Augusto Casimiro; o dr. Virgilio Correia; o professor de Ensino Normal Alvaro Viana de Lemos; e o Secretario Geral do Gov.º Civil, bacharel Antonio Luis da Costa Rodrigues.

Este recrutamento de vogais do Conselho continuava a ser suspeito... Tirando o bom Dr. Gumersindo que embora nunca se manifestasse, era sinceram.te conservador; os outros eram ás claras da ala esquerda.

Mas que fazer? Os jarrões ~~........~~ provaram que se não podia contar com eles;

havia, pois, que passar sem Suas Excelências e continuar a fazer alguma coisa dentro das limitações burocráticas impostas pelas leis, pelo ambiente político e por certo desinteresse dos governantes.

Ora por essa altura, com a boa vontade manifestada pelos novos vogais, pensou-se em constituir um Grupo dos Amigos do Museu Machado de Castro; depois de algumas conversas, ficou assente em 30 de Maio desse ano de 1920 a organização do agrupam.to que admitiria toda e qualquer pessoa e ficaria a trabalhar mais ou menos ligado ao Conselho de Arte.

Naquele dia resolveu-se que na próxima reunião se discutiriam os estatutos e q. eu ficasse secretário do Grupo — missão que tive de aceitar.

Na verdade, na sessão seguinte aos 6 do mês de Junho discutiu-se parte dos estatutos e elegeu-se presidente da direcção o Dr. Augusto Mendes Simões de Castro e tesoureiro Manuel Augusto Rodrigues da Silva. E segundo umas notas q. encontrei resolveu-se, na mesma sessão, agradecer ao Ministro da Instrução a próxima doação de

3 contos de reis para instalação do Museu de Arte Sacra anexo ao Machado de Castro e agradecer tambem a adesão ao Grupo do Sr. Francisco José Fernandes Costa não me lembro se nessa altura ministro de qualquer coisa.

Em 13 ainda de Junho, dia do taumaturgo S.to António continuou a discussão dos estatutos; e...

E... os meus apontamentos de secretário, e a propria memoria, não dão mais qualquer notícia do Grupo. Não me lembro já bem do que se passou; contra o meu costume, deixei uns apontamentos tão escassos que mal auxiliam a memoria. Mas quero crer que a discussão de meia duzia de artigos do projecto dos estatutos seria a causa do malogro da tentativa.

A discussão durante tres sessões de um resumido projecto estatutario, revela que os agremiados não se entenderiam m.to bem...

Como disse, já me não recordo bem do que se passou; mas é possivel que as coisas não andassem m.to longe disto; desintelligencias, algumas teimosias e

talvez pouco interesse — o costume em casos identicos.

O certo é que nas minhas notas não ha mais sinal de trabalhos; e apenas conservo uns exemplares de circular de convite e um do projecto dos estatutos para recordação.[1] E assim, em 3 semanas, nasceu e morreu o Grupo dos Amigos do Museu Machado de Castro que poderia prestar alguns serviços.

Nesta mesma altura, com a aproximação dos folguedos dos tres santos festeiros, voltou a falar-se da cedencia da S.ta de S.ta Cruz para os divertimentos de São João e dias seguintes. O Conselho resolveu, mais uma vêz, chamar a atenção da Camara Municipal para os inconvenientes dessa cedencia.

Fez-se uma representação redigida pelo velho Gonçalves um pouco aspera, na verdade, como era proprio do estilo inconfundivel do autor; mas a verd.e tambem é que na sessão de 20 de Junho em que a representação foi lida e aprovada, assiná-

[1] Estão na pasta dos documentos.

ram-na todos os presentes entre os quais o Prof.or Luciano Pereira da Silva recentemente eleito e que, pela primeira vez, compareceu.

Essa representação foi mandada, em resumo para a imprensa local; mas por qualquer contratempo ou inadvertencia do secretario que era então o Dr. João Couto, a representação dirigida á Camara foi entregue ao seu Presidente, e sem as formalidades devidas, depois dos jornais terem publicado o resumo.

Era então Presid.te do Municipio o Professor de Medicina João Duarte de Oliveira, creatura um pouco grosseira e que não sei porquê, não gostava do Mestre Antonio Augusto Gonçalves. E' claro que apesar de certo numero de assinaturas que estavam no papel, o homem encalhaçou tudo no Gonçalves, isto é: responsabilisou-o pela diligencia que se fazia em favôr da S.ta de S.ta Cruz e não esteve com meias medidas: respondeu em oficio datado de 5 de Julho ao mesmo tempo que o fez publicar em folha solta largamente distribuida á custa, é claro, dos cofres camararios.

A resposta era violenta, mal creada e não correspondia ás intenções do Conselho. Causou pessima impressão em todos e na sessão seguinte, aos 13 de Julho, resolveu-se não responder ao Presid.te da Câmara e informar o publico, por meio de um opusculo, acerca da acção do Conselho e expor as razões que lhe assistiam sem fazer qualquer commentario ao oficio do Dr. João Duarte de Oliv.a. Transcreviam-se documentos e encerrava-se (ou procurava encerrar-se) o incidente para o não agravar.

O Presid.te da Camara, contudo, não se calou. Na vereação tinha creaturas q. não comprehendiam as intenções do Conselho e possivelmente teriam feito ver que havia politica ~~..~~ no caso — tanto mais que Ant.o Augusto Gonçalves era a pessoa visada como o responsavel pela caturrice. O certo é que saiu novo folheto escrito com violencia desusada e em termos nada correspondentes á posição do autor.

Chamava a Gonçalves «energumeno sem pejo» que arrastou o Conselho a tal situação; e usava de objurgatorias pro

prias de creatura sem educação que não sabia medir as conveniencias.

O folheto causou sensação e, em certos sectores, devo dizer, causou regosijo pois se punha em fóco o velho António Augusto sobre quem a opinião quase geral lançava as culpas e acusava de dominar absolutamente as vontades dos vogais do Conselho.

Eram as más vontades espalhadas contra o insigne Professor e certos despeitos contidos á espera duma aberta; e o momento foi excelente ocasião para se alargar facilmente o ambito do conflito.

E na verdade conseguiram tornar o episodio muito e muito desagradavel; o folheto era mais dum varredôr de feira do que dum professor universitario que presidia a uma Câmara de cidade de certa importancia. E depois, nas diatribes tão ordinarias envolvia membros do Conselho com grandes serviços á Coimbra como o velho e erudito Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, o Dr. Teixeira de Carvalho, o artista João Machado, o arquitecto Silva Pinto, merecedores de mais respeito.

O Conselho resolveu não tomar conhecimento do opusculo e abandonar a questão. O velho Gonçalves, porém, é que se não conformou e considerando-se o unico ofendido, saiu á estacada com o rompante que lhe era peculiar e lançou novo folheto em estilo brilhante e inconfundivel — a que o Dr. Duarte de Oliv.ª ainda respondeu, em linguagem impropria, perfeitamente de garoto ordinario.

Foi um dize-tu-direi-eu que ia a descambar em luta de arrieiros, mas que terminou por interferencia do bom senso de amigos comuns.(1)

O episodio deu causa a duas iniciativas: uma foi uma homenagem, especie de desagrávo que um grupo de amigos

---

(1) Salvo erro, a bibliografia da questão será esta: 1) Oficio enviado á Camara Municipal de Coimbra pelo Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra; — 2) Folha solta com o oficio do Presid.te da Camara Municipal ao Conselho de Arte e Arqueologia; — 3) O Conselho de Arte e Arqueologia em defesa do Parque de S.ta Cruz, folheto; — 4) O Conselho de Arte e Arqueologia em defesa do Parque de S.ta Cruz? Não! Mas sim: O Conselho de Arte e Arqueologia em ataque á Camara Municipal de Coimbra, 1 folheto; — 5) A' Gloria da

de Ant.º Augusto Gonçalves promoveu e veio a realizar-se em 31 de Julho de 1921 com certo brilho e solenidade — de que um volume comemorativo pode dar alguma ideia; (1) a outra iniciativa foi a da constituição de um Grupo dos Amigos do Parque de S.ta Cruz para o qual se fizeram uns estatutos de que possuo um exemplar impresso que calculo de extrema raridade — se não fôr exemplar único. (2)

Não me lembro já bem; mas se me não engano, o Grupo não passou de uma boa intenção de meu tio Albino Caetano da Silva e de um ou outro vogal do Conselho

---

Vereação Camarária de Coimbra. Homenagem (...) de A. A. Gonçalves. 1 folheto; — 6) O Sr. A. Gonçalves. Correcção educativa a um provocador (...) de J. Duarte de Oliveira. 1 folheto. Creio que está completa. Possuo todas estas espécies.

(1) Homenagem a António Augusto Gonçalves. 31 de Julho de 1921. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1923. Volume in-4.º, papel de luxo, de 95 pag. com gravuras fóra do texto. Se não erro, tiraram-se 300 exemplares.

(2) Folha de 0,183 x 0,154 com os Estatutos que constavam de 6 artigos apenas. Impressa na Tipogr.ª Auxiliar de Escritório. Está guardada na pasta dos documentos.

mas não chegou a ter concretização. Ficou no projecto dos estatutos e na boa vontade de alguns.

O Conselho, é claro, continuou com os seus trabalhos e nessa altura havia o problema da instalação do chamado Tesouro da Sé na Igreja de S. João de Almedina.

Os esforços e a boa vontade de todos e em especial do velho Gonçalves, não foram atendidos e compreendidos superiormente; alguns objectos da riquíssima colecção começavam a deteriorar-se e as de loupas ameaçavam outros da mesma deterioração.

António Augusto Gonçalves saíu á estacada, bravamente, como era do seu temperamento, não só para livrar responsabilidades como para ir contra insinuações maldosa espalhadas na cidade. Em folha avulsa, desabafou...[1]

Coimbra foi sempre assim. Essas maldosas insinuações eram acolhidas com

---

(1) Folha solta com data de 4 de Julho de 1920. Ver a Tentativa bibliografica de Mestre António Augusto Gonçalves por Ant.º Gomes da Rocha Madahil, –

regosijo em certos meios; e o auxilio mo-
ral que seria natural surgir perante tão
importantes problemas de Arte, foi coisa
que não apareceu alem do muito reduzido
circulo de amigos.

E devo acrescentar em abono da ver-
dade que depois da questão com o Dr. João
Duarte de Oliveira atraz referida e desta
arremetida de Ant.º Augusto Gonçalves por
causa do Tesouro da Sé, muitos dos compo-
nentes do Conselho e do grupo que aos do-
mingos aparecia no Museu, foram-se
afastando discretamente para se não com-
prometerem...

Um que deu mais na vista foi o Dr. Lu-
ciano Pereira da Silva que a varias pessoas
declarou não voltar ao Conselho. Era um
comodista verdadeiro.

Ficaram, felizmente, o fieis, embora
poucos.

E a Imprensa, a tal «alavanca do Pro-
gresso e da Civilização» era em Coimbra
verdadeiram.te inferior, subordinada aos in-
teresses dos proprietarios dos jornais e á fal-
ta de caracter de uns plumitivos que se ar-
mavam em jornalistas.

Essa «imprensa» merecia bem, como escreveu, com justiça, Cesário Verde em uma das suas poesias - desabafos:

«. . . . . A Imprensa (1)
«Vale um desdem solene . . .»

Entregue aos seus interesses nem sempre limpos, os chamados «jornalistas» sentiam o prazer dos insignificantes ao verem o homem superior que era Ant.º Augusto Gonçalves debater-se com dificuldades e, ainda por cima, malsinado e enxovalhado.

Mesmo hoje, apesar dos 40 anos passados e dos meus 80 e tal Invernos me darem certa indiferença perante malfeitorias de obscuros mariolas, sinto por essa imprensa (que não merece maiuscula) o mais sincero desprezo.

Mas continuemos . . .

Ainda nessa altura, o claustro da Igreja de S.ta Clara chamou a atenção e cuidados do Conselho que expôz (aliás sem exito) os perigos de infiltração de agua das chuvas

(1) Na poesia Contrariedades a pag. 75 da Obra completa de Cesario Verde.

em certos pontos e da permanencia nele duma unidade militar que lá instalou casernas e arrecadações com varios e manifestos prejuizos.

Passadas estas borrascas infelizes que depozeram com clareza contra a compreensão dos assuntos de Arte por parte das estações oficiais e da maioria ou quase totalid.e da chamada «opinião publica» convinhável-se, outro conflito surgiu pelo mês de Março de 1921 que teve passos de certo ridiculo.

A casa bancaria Pinto & Santo-Maior que comprára o predio da esquina norte da rampa que da rua de Ferreira Borges sóbe para a de Quebra-Costas e na parte de traz topa com o arco da barbacã da grande entrada da fortificação de Almedina, requereu, com o novo projecto de frontaria, a demolição pura e simples desse resto da entrada medieval da cidade.

A Câmara autorizou...

O escritor e Poeta Manuel da Silva Gaio e o engenheiro Abel Dias Urbano tomáram a iniciativa duma representação á Câmara que foi coberta (não sei como)

por muitas assinaturas. Ao mesmo tempo o Conselho, para evitar mais conflitos com a Câmara, limitou-se a expôr, dentro das formulas e superiormente, a necessid.e de se considerarem os arcos, chamados de Almedina, monumentos nacionais.

A Câmara, porem, não tomou conhecimento oficial destes dois documentos.

Felizmente, na imprensa de Lisboa debateu-se o assunto; muitos valores ~~[illegible]~~ nas Letras, nas Artes e Ciencias lavráram o seu protesto publico; no Parlamento houve quem levantasse a voz não sei se apenas pro-forma; no entretanto, algum resultado se tirou pois pelo Decreto n.º 7552 de Junho desse ano de 1921, baseado na proposta do Conselho foi considerado monumento nacional «o Arco Pequeno de Almedina.»

Esta expressão Arco Pequeno do Decreto tem uma historia que, por curiosid.e apenas, aqui fica.

Quando no Conselho se discutia o assunto o Abel Urbano chamou ao arco a «barbacã» da Porta de Almedina. O velho Gonçalves protestava, não admitia essa designação para o elegante arco que se vê

com tanto agrado da rua de Ferreira Borges. O Urbano, cor.el de Engenharia como era, explicava o que era uma barbacã nas fortificações medievais; o contendor, porem, não se convencia e os rapazes presentes não quizeram tomar posição na contenda.

Eu reforcei, pacatamente, a opinião do engenheiro convencidos que Mestre Gonçalves me ouviria...

Qual!... A representação redigida nessa mesma sessão, teve que mencionar simplesmente o «Arco Pequeno» para contemporizar com a caturrice do velho Professor. O caso não merecia questiunculas e respeitou-se a vontade do insigne Mestre.

Eu, porem, no dia imediato ou noutro qualquer seguinte, fui ao Museu de Machado de Castro com uns tratados de história da Fortificação e procurei convencer o velho Amigo de que o Abel Urbano estava dentro da razão. Eu reconhecia que ele tinha m.ta estima por mim e que me ouvia com atenção; expuz-lhe, pois, o assunto e pareceu-me que perante a clara

exposição que lhe fiz, ficaria convencido. Não ouso, contudo, afirmar que o teria convencido.

António Augusto Gonçalves era pessoa de extrema delicadeza; e perante a minha amável diligência era incapaz de se mostrar renitente, como quem não acreditava nos argumentos apresentados. Ouviu, ouviu atentamente enquanto limpava a boquilha da nicotina dos seus constantes cigarros; agradeceu, mas teve o cuidado de não emitir opinião.

Por isso disse não ter a ousadia de afirmar que o deixei convencido de o «Arco Pequeno de Almedina» ser a sua barbacã.

Ainda nesse mesmo ano de 1921 fizeram-se certas diligências relativas à protecção devida aos tapetes antigos da Igreja de S.ta Cruz. E' claro que o Conselho, só por si, não era ouvido.

E assim sucessivamente, sem variação possível. E' certo que o ambiente político não era o melhor para, com serenid.e e bom senso, se tratarem assuntos de Ar

te a Arqueologia; mas... com todos os Diabos!... não se poderia abrir um parêntese, por uns minutos, e olhar a sério p.ª as representações do Conselho?

Descansêmos um pouco — que isto não vai a matar.

Lisboa:

3 a 25 de Junho

de 1963.

VIII

« O pano da obra tem dado de si e acho-me, contra a m.ª expectação, com mais do que para mangas.»
Alm.da Garrett: *Cartas íntimas*, 36

« Muitas vezes faz dano trazer de novo á praça negocios pesados quando o tempo os tem sepultados.»
Fr. Luis de Sousa: *Hist.ª de São Domingos*, Liv.º III, cap. 14.º

Hoje, passadas mais de quatro décadas, recompilando larguíssima serie de episódios deste genero que não vale, verdadeiramente trazer á praça, ocorre-me perguntar se a indiferença das estações superiores perante os esforços do Conselho não seria propositada.

A burocracia, todo aquele pessoal instalado comodamente nos Ministérios por que passavam estes assuntos, seria ainda, na

quase totalidade, da Monarquia; a conspiração surda era permanente e quem sabe se toda essa gente, inspirada por mão oculta que subtilmente e inteligentemente manobrava na sombra, ia demorando ou negando as solicitações bem intencionadas, á espera de melhores dias — ou seja á espera de situação politica favoravel.

Essa situação politica, afinal, veio como se sabe, depois de 28 de Maio para então se fazerem á larga todos os melhoramentos desejados que atestassem a incapacidade da Republica e exaltassem os salvadores da Nação, os mandatarios da Companhia de Jesus que ainda hoje são os donos de nós todos e continuarão a sê-lo.

E' possivel que esta opinião que aqui estou a expôr, mal humorado, em dia abafadiço de trovoada,[1] seja subtil e provocada pela velha fobia á Companhia falsa do bom Nazareno; é possivel que haja exagero e má vontade — mas deixo ao Futuro dizer de sua justiça e quero crer que esta não andará m.to longe do que digo.

---

(1) Em 26 de Junho de 1963.

No verão desse ano de 1921, aos 20 de Junho, o Conselho perdeu o seu Presidente, o Dr. Joaquim Martins Teix.ª de Carvalho que morreu com pouco mais de 60 anos, quando ainda havia muito para esperar das suas raras qualidades de artista e de erudito. Creio que ao longo destas fastidiosas *memorias* terei falado, por vezes, deste notavel professor e homem de letras, não me lembro bem já; mas sempre direi agora que, de facto, a sua morte deixou certo vácuo nos sectores da critica de Arte e no da investigação historica e ainda como escritor interessante e de estilo proprio.

Era dotado de inteligencia superior, de agudeza de vista em problemas de Arte e sempre ouvi dizer que, como clinico, poderia ter grande nome se muito cedo não tivesse abandonado a Medicina para se entregar aos trabalhos predilectos da Arte e da Literatura.

Os seus estudos de Arqueologia artistica ficáram a marcar uma epoca; são notaveis pelo criterio da investigação e pela sinceridade das conclusões. O que publicou constitue obra grande e de merito real; e pena

foi que alguns manuscritos em que deixou outros trabalhos se perdessem ignobilm.te e creio que um ou outro andam de mão em mão á espera de comprador que parece ainda não ter aparecido.

Os manuscritos do Dr. Teix.a de Carvalho eram notaveis por serem quase sempre em almaço de linho e a mancha manuscrita estar enquadrada em desenhos e a cores, com letras capitais historiadas q. davam aspecto agradavel de folios antigos.

Onde estarão eles agora?

Com todas as qualidades de inteligencia e de trabalho que o notabilizaram e lhe farão perdurar o nome, tinha, em compensação, outras inferiores.

Era invejoso e ingrato; e embora pareça mal dize-lo, não era amigo em que se confiasse. Temperam.to com certa dose de cinismo, gostava de ferir os seus pares com sarcasmo; e esse temperam.to o levou a situações desagradaveis.

Só lhe ouvi dizer bem de meu tio Albino Caet.o da Silva. Em regra, ao falar deste ou daquele, tinha sempre alfinetadas para dar, por vezes venenosas; mas creio

que ele ficou a dever grande serviço a meu Tio quando foi da reprovação no concurso para professor da Facul.d. de Medicina; nunca meu Tio falou nisso mas quero crer que foi ele quem tornou possivel a sua saída para o estrangeiro, de repente, depois do Dr. Souza Refoios avisar secretamente meu Tio que ele iria ser reprovado nas proximas provas.

Recordo-me m.to bem destes passos todos; mas devo acrescentar que o Dr. Teixeira de Carv.o não fazia favor nenhum em considerar meu Tio como sempre o considerou — mas era uma excepção.

Enfim, não ha ninguem perfeito neste mundo desgraçado.

E vamos adeante.

E' claro que a vaga de Presidente do Conselho teve de ser preenchida; depois de varias diligencias foi eleito o engenheiro Abel Dias Urbano e, por escusa do Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, elegemos p.a Vice-presidente o Prof.or Tomas da Fonseca — cargo em que se manteve até a extinção do Conselho e onde trabalhou com sinceridade e afinco.

Mas quiz a má sorte que, nesse mez no ano de 1921, surgisse novo motivo para intervenção do Conselho — logo malsinada e combatida.

Uma empresa pretendeu fazer da velha igreja de S. João das Donas junto ao templo de S.ta Cruz, na Praça de 8 de Maio, um café-restaurante. Não haveria nisso inconveniente de maior, pois anteriormente fôra esquadra de polícia e nos ultimos tempos agencia funeraria — sem protestos de qualquer especie.

Porem, o projecto da frontaria aprovado pela Câmara, era nem mais nem menos do que uma copia reduzida e com diferença de proporções, da frontária da vizinha igreja dos Crusios e em cimento armado. E ainda não havia a certeza de, no dito projecto, ser devidamente respeitada a bela abobada e certas particularidades arquitectonicas dignas de nota.

Perante estes contracensos, o Conselho entendeu apenas avisar superiormente do que se tentava fazer e não tratar do assunto com a Camara — para evitar novos conflitos.

A empreza tinha por principal figura ou principal capitalista, o comerciante Adriano Viegas da Cunha Lucas, conhecido noutros tempos pela alcunha impressionante de Varatójo, devido ao seu feitio astucioso e chicaneiro; dominava, com o seu dinheiro a imprensa local e esta formava, infelizmente, a opinião geral da cidade como «alavanca do Progresso» segundo a retórica vulgar.

E esta opinião da cidade, ignorante em assuntos de Arte, era propensa sempre a redicularizar e deprimir quem não fosse atraz dela. E o menos de que o Conselho foi acusado foi o de «Empata» e inimigo do progresso e desenvolvimento de Coimbra.

O aviso dado pelo Conselho ás instancias superiores deu em todo o caso (e não sei como!) o seu resultado.

O Ministerio da Justiça, nos termos da Lei solicitou do Cons.º o seu parecer. O parecer, feito com as devidas cautelas, considerava o valor artistico da abobada como digna de ser arrolada nos monumentos nacionais e chamava a atenção para o facto deploravel de se construir ao lado de

um templo como o dos Jerusios, uma paródia, e em cimento armado, da sua frontaria. Quanto ao destino do edifício, o Conselho achava realmente preferível q. fosse um café-restaurante do que outro qualquer estabelecim.to que contrastasse desagradavelmente com o vizinho monumento.

E mais nada. Mas foi o bastante para que a imprensa local, a «alavanca do Progresso», continuasse com a campanha de descrédito contra o Conselho; e a opinião publica, formada infelizmente em conciliábulos de esquinas e portas de tabacarias se deixasse levar na onda de indignação e más vontades.

Os Ministérios da Justiça e da Instrução, porem, porventura devido a informações oficiosas, resolveram directamente o assunto: a abobada da igreja extinta foi classificada como monumento nacional e, por consequencia, ao abrigo de atentado; e a frontaria projectada de cimento armado não foi consentida tal como estava no projecto e já em começos de execução autorisada pela Câmara. O arquitecto (ou possivel-

mente o mestre-de-obras) autor do projecto teve de o modificar quase por completo e teve o bom senso de se aproximar e entender-se mt.º louvavelmente com o arquitecto Silva Pinto que com sua grande experiencia e saber, aconselhou no bom sentido — e a frontaria lá ficou, como ainda está, se não coisa boa, pelo menos remediável.

O arquitecto Silva Pinto procurou aproveitar o que já estava feito para evitar prejuizos e deu para o resto da frontaria os remendos que foram possiveis.

Estes desagradaveis incidentes mostraram ao Conselho a quase impossibilidade do cumprimento das imposições da Lei e do bom senso perante uma imprensa adstrita a interesses de empresas e uma opinião publica espicaçada por vaidades feridas e espiritos irrequietos de gracejadores sem qualquer moral ou, até, por malandrins diplomados.

Não vale a pena citar nomes se bem que a minha memoria ainda retenha alguns deles. Deixa-los lá entregues ao esquecimento e, como na maior parte

já morreram, que a terra lhes seja misericordiamente léve.

E a verdade é que o ambiente creado com maldade contra o Conselho deu origem a um periodo de quase inacção. Como, por essa altura, escreveu António Augusto Gonçalves: « os Conselhos de Arte desprovidos de meios de acção propria, teem por unica missão escrever oficios e memorias que ninguem lê; propôr alvitres que ninguem aceita; e reclamar providencias que ninguem atende! [...] O resultado é o vexame deprimente da sua inutilidade actual. » (1)

Não se póde ser mais exacto.

Mas este incidente do café-restaurante que por ter na frontaria dois grifos ou coisa que o valha para aguentar lampeões, a má-lingua classificou de « Café dos passarões » (2), deu ainda origem á demissão

---

(1) Monitoria dirigida aos Snr.º Ministros etc. a pag. 4 (Coimbra, 1921). Opusculo q. saiu anónimo mas q. é de A. A. Gonçalves.

(2) Alusão especial ao citado comerciante de panos Adriano da Cunha Lucas, mas verdadeiramente extensivo aos outros socios da empresa.

do engenheiro Abel Urbano de Presid.^te do Conselho — cargo que, diga-se a verdade ele manteve com certa dignidade e prestígio. Quando se discutia o caso do café-restaurante, o engenh.º Abel Urbano entendia que as pensinas não deviam ficar paredes-meias com a Igreja de S.ta Cruz; achava isso impróprio não só para o templo mas também para a sua mentalidade de católico — e o certo é que apesar de alguns esforços para o convencer a ficar, insistiu delicadamente e renunciou ao cargo que, repito, manteve com elevação.

Por esse tempo fôra eleito vogal o general José de Simas Machado então comandante da 5.ª Divisão Militar; era creatura distinta, culta, com tradições de vida jornalística no Porto e convivência com a roda de homens de letras dos fins do seculo passado. Era, demais a mais, político e mantinha certo prestígio social.

Sobre ele, pois, cairam as vistas dos vogais do Conselho porque a escolha era difícil. Passado certo período em que a presidencia foi exercida por Tomás da Fonseca, a eleição recaiu no general.

Este aceitou, possivelmente com alguma ponta de vaidade, pois não tentou qualquer ligeiro gesto de recusa quanto mais não fosse por modestia corrente.

Aceitou, e exerceu o cargo com interesse até á sua transferencia para Lisboa em 1926, pouco antes do movimento de 28 de Maio.

E o Conselho lá ia seguindo. Mas a verdade é que todas as iniciativas encontravam obstaculos quer na burocracia dos ministerios quer nas más vontades pessoais que se sobrepunham aos interesses gerais da Arte.

Ainda em 1921, Ant.º Augusto Gonçalves teve de lançar ao publico um apelo-protesto a-proposito do abandono a que está va votado o recheio do antigo Tesouro da Sé que deveria passar a chamar-se Museu de Ourivesaria, Tecidos e Bordados, abandono que só mais tarde foi atenuado.

E pode dizer-se que constituiu, verdadeiramente, uma lança em Africa, a aquisição para o Estado das ruinas da velha Igreja de S.ta Clara e começos da sua reparação e conservação.

Esta lança em Africa foi conseguida depois de campanha benemérita empreendida (embora não levada completam.te ao cabo) pelo gen.al Simas Machado e pelo Tomás da Fonseca — que se valeram de influencia politica propria com insistencia e do prestigio de que, ao tempo, gosávam.

Foi a jornada [...] para alguns imensamente acidentada e tormentosa » afirma Tomás da Fonseca (1); mas, pelo menos, deu-se um primeiro passo.

Ora com a saída do general para Lisboa, novamente ficou vaga por algum tempo, a presidencia do Conselho e novos conciliabulos se fizeram entre os vogais no sentido de se encontrar sucessor. Parece que ninguem queria a espiga — pois realm.te o cargo era inglorio e sujeito a certos dessaires e aborrecimentos.

O Ant.º Augusto Gonçalves já anteriormente pensára em mim e, desta vêz, prevaleceu a sua opinião que tinham outros, como os Dr.s Joaquim de Carvalho ou Al-

---

(1) In Santa Clara a Velha de Coimbra. Confer.ª em 29 de Junho de 1926 (Coimb.ª, 1926) a pag. 62

berto Cupertino Pessoa de serem os escolhi-
dos p.ª a "espiga."

Enfim, por proposta desse velho ami-
go, a eleição recaiu em mim e, por una-
nimid.e na sessão de 27 de Novembro de 927.
O Tomás da Fonseca continuou vice-pre-
sidente e para secretarios foram eleitos
o Dr. Amadeu Ferraz de Carv.º e o Dr. Gu-
mersindo da Costa Lobo — mesa que foi
aprovada superiormente e tomou posse
oficialmente em 11 de Dezembro seguinte.

Teria eu aceitado o cargo sem protestos,
por qualquer pontinha de vaidade?

Com franqueza, já lá vão cerca de 36
anos e não me lembro com precisão do q.
se passou no meu espirito.

E' porem possivel... Ainda era novo,
andava pelos 48 de idade; e quem sabe se
me deixei seduzir pelo facto de ir presidir
a um conjunto de individuos de nome e
respeitabilidade — a começar pelos ve-
lhos Augusto Mendes Simões de Castro
e Ant.º Augusto Gonçalves, por professo-
res como o Dr. Joaquim de Carvalho, ar-
quitecto de nome como era o Silva Pinto,
etc. etc. E' possivel, confesso, que poderia

ser assim; mas confesso tambem que me não recordo já se assim foi.

Tudo pode ser, mas a verdade é que independentemente da possivel ponta de vaidade ou completa ignorancia das responsabilidades que ia tomar, a nova mesa não tinha o poder de dar alentos ao Conselho — pelo contrario, era natural que fosse mal vista pelos poderes publicos.

Os novos presidentes eram demasiadamente suspeitos e, como era voz corrente que o velho Gonçalves não deixava de ser o inspirador e verdadº dominador do Conselho, era de esperar que este encontrasse a todo o momento dificuldades, maiores certamente, do que as encontradas anteriormente.

No entretanto, o Conselho lançou-se do mesmo modo e com excelente vontade, de fazer qualquer coisa de util, ao trabalho que os regulamentos impunham.

Passei a mandar notas oficiosas das nossas reuniões para os jornais da terra e para os correspondentes dos grandes diarios de Lisboa e Porto — para dar conhecimento ao ao "respeitavel publico" do que se ia fazen

do — com o que, valha a verdade, o publico se não importava.

Nomeou-se, de novo, uma Comissão Executiva que teve por vogal o arquiteto Silva Pinto e por tesoureiro o Lourenço Chaves de Almeida, recentemente eleito vogal do Conselho e bom elemento de trabalho.

Procurei organizar o Arquivo q. andáva ao Deus-dará e dar forma mais regulár á Secretaria, tambem um pouco á matroca, ao sabôr da mandriice do chefe da mesma, o medico sem clientela visivel Domingos Miranda, pessôa dúbia que nunca percebi mas que deveria ser fundamentalmente velhaco. Sempre que podia resistia ás minhas indicações; não concordava com a nova arrumação que eu queria dar ao Arquivo e á orientação que emprendi; mostrava má cara a tudo, especialmente á chamada á secretaria onde julgo que nunca ia, etc.

Ele era funcionário do Estado e, como tal, recebia mensalm.te o seu ordenado; de certo obrigação a q. não faltaria.

Estas resistencias e até más vontades senti-as tambem no proprio secretario do

Conselho, o Dr. Amadeu Ferraz de Carvalho que, por vêzes, não foi leal para comigo e, noutras, se mostrava agastado.

Quando se deu o caso que adeante contarei do Palacio da Justiça, entreguei-lhe o rascunho dum oficio para o Presidente da Relação para mandar copiar á maquina; quando me veiu ás mãos e eu ia a assinar, verifiquei que vinha alterado e nalguns passos em sentido contrario ao que eu escrevêra.

Tive de mandar fazer nova copia pelo meu original.

Estas pequenas (pequenas?...) coisas muito aborrecidas que me traziam certos momentos de desânimo, davam-me vontade de atirar com os aparelhos ao ar; porem o Lourenço Chaves de Alm.da, homem mais terra a terra, opunha-se tenazmente, discutia comigo e lá me ia levando no <u>bóte</u> (para me servir de frase chula).

E assim, como uma das minhas primeiras preocupações era lançar uma publicação que fosse uma especie de <u>boletim</u> ou <u>revista</u> do Conselho, aspiração vaga já antiga, a que ninguem quiz meter

ombros, resolvi eu tentar a boa empresa. Conversei com o Dr. Joaquim de Carvalho, então administrador da Imprensa da Universidade, sobre o assunto; este animou-me, fiz o plano mais ou menos de acordo com ele; procurei colaboração e pedi ao velho amigo Gonçalves o artigo de abertura, como na verd.e fez.

E embora com certas dificuldades que atrasáram, a revista saiu.

Deu-se, porem, o caso que a publicação que veiu a ser a excelente revista Arte e Arqueologia só apareceu em 1930, já eu não era Presid.te do Conselho. Abandonei, por isso, a sua direcção que foi entregue ao Dr. Virgilio Correia.

Infelizmente, desta revista só sairam cinco numeros que se arrastaram até 1933, ao sabor do espirito desencontrado do Virgilio Correia que, a certa altura, fez da revista vazadoiro de varias bugigangas proprias e, como era de esperar do seu feitio, acabou por a abandonar.

No volume I, a pag. 188, contudo o Virgilio deixou dito a verdade acerca da origem da revista — o que nele não era moeda

corrente [1] e no ultimo numero deixou-me publicar o meu pequeno ensaio sobre os Oleiros de Miranda do Corvo não sei se por generosidade se por algum rebate de consciencia.

Enfim, a Arte e Arqueologia, hoje espécie bibliografica rára e bastante procurada, não enraspanhou o Conselho e pena foi que os sucessos subsequentes fizessem com que acabasse no prim.º numero do vol.º II pode dizer-se inglóriamente. Mas tinha de ser.

Varios projectos fiz no sentido de valorizar o Conselho e o Museu, ainda iludido por boas esperanças.

Um deles foi o de mandar reproduzir as principais obras do Museu de Machado de Castro para efeito de propaganda não só em postais como tambem para a revista e para catalogos especializados que se organizariam depois. Chegou este projecto a ter começos de execução;

---

(1) Este passo desmente claramente a afirmação exarada não sei por quem a pag. 411 do vol. 3.º da Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira acerca da origem da revista.

contratei com o fotografo lisbonense Octavio Bobone, especializado nesses serviços, a reprodução desejada; este foi a Coimbª, falámos largamente sobre o assunto e fechámos contrato e passado um tempo o artista começou a trabalhar e, deve dizer-se, com perfeição.

A tarefa, porem, não foi ao fim; devido á minha exoneração, o sucessor suspendeu os trabalhos e não sei como liquidou o contracto nem como ficáram as reproduções algumas das quais ainda vi, por lá, mais tarde, ao Deus-dará.

Igualmente projectei prestar homenagem á memoria do Dr. Teixeira de Carvalho na qual se fizesse justiça ás suas qualidades de erudito, de artista, de critico de arte e de medico e anatomista — homenagem que nunca se conseguiu realizar devido a razões que servem para depôr claramente acerca do caracter de certos individuos.

Convidei para oradores na sessão: o Dr. João de Barros, velho amigo do Dr. Teixeira de Carvº, que trataria do aspecto literario; o Dr. Aarão de Lacerda que se dedi-

caria ao aspecto artístico; e o Dr. Maximino Correia que falaria acerca das qualidades de clínico e anatomista.

Convidados, todos três aceitaram; conservo as respectivas cartas.

Porem, passado algum tempo, o Dr. Aarão procurou desculpar-se com razões especiosas de falta de tempo e complicações varias da sua vida; e o Maximino, esse, não apresentou desculpas, foi mais radical, solicitou a escusa formalmente, de maneira categorica.

Fiquei aborrecido e desanimado. Que razões levaram estas duas creaturas a uma escusa ou recusa tão esquisitas?

Mais tarde, vim a saber.

O Aarão de Lacerda propunha-se á Faculdᵉ. de Letras de Coimbra e na Faculdade o nome do Dr. Teixª. de Carvalho era execrado; fizeram-lhe saber que seria mal vista a adesão e intervenção na homenagem. E daí a retirada que não direi em boa ordem porque foi muito mal feita ou, até, deselegantemente. Quanto ao Dr. Maximino o caso foi identico; esta

va para ser proposto professor catedrá-
tico (ou coisa que o valha) da Faculdade
de Medicina e foi avisado com clareza
de que não pensasse em aceitar o con-
vite para a homenagem ou a Faculda-
de levaria a mal...

Soube-se depois até que foi o profes-
sor catedrático Dr. Santos Viegas quem
serviu de intermediário no aviso ou pos-
sivelmente ameaça.

E aqui está como se desfez o projec-
to de homenagem ao brilhante espírito
que foi o Dr. Teixeira de Carvalho a quem
Coimbra ficou devendo grandes serviços
e que já esqueceu.

Se por acaso, na cidade, é lembrado
é para se dizer desenfastiadamente:

— Ah! sim... O Quim Martins!...

E é favor se se ficar por aqui e não
se contar logo uma anedota picaresca —
para não dizer porca.

O certo é que fiquei fazendo uma
ideia diferente destes dois cavalheiros dos
quais não nego o valor intelectual (que
é grande) mas cujo caracter não me
parece que seja de boa têmpera.

Quanto ao João de Barros, escrevi-lhe a contar o caso e a pedir-lhe desculpa. E é também certo que, com o tempo que foi correndo e depois com a minha exoneração, a ideia da homenagem passou á história — ou como diria o mais velho e honrado sargento de Infª 23 José Simões de Oliveira:

— Fica para segundas núpcias...

Ora continuando:

Aparte varios cuidados e diligencias relativos a monumentos como o mosteiro de Arouca, a igreja da Trofa, perto de Agueda onde estão os celebres tumulos dos Lemos;[1] a conservação e exposição ao publico da capela do tesoureiro da igreja de S. Domingos na rua da Sofia, iniciativa que se tentou renovar infelizmente sem resultado; e outros mais como a conservação dos tapetes do chamado Tesouro da Sé; surgiram nesta altura mais dois incidentes (sempre os inci-

---

(1) O Conselho deslocou-se a estes dois locais, em dias sucessivos, para estudar *in loco* os problemas levantados relativamente á conservação dos notaveis monumentos. E' claro que foi o mesmo que nada.

dentes!...) que merecem, já agora, referir p.ª a narrativa não ficar incompleta: um relativo ao Palacio da Justiça outro á igreja de S. Bento.

Entendeu o Conselho que a residencia da familia Aires de Campos (enobrecida com o condado de Arneal) na adaptação a Palacio de Justiça deveria seguir-se o primitivo plano feito ha muito com a maior consciencia, probidade e saber, pelo arquitecto Silva Pinto desde a sua colocação em Coimbra como professor na Escola Brotero.

A comissão administrativa das obras deu a direcção das mesmas ao capitão de Inf.ª José Castelo-Branco, com o curso de Engenharia feito aos trambulhões no Porto. Esta nomeação foi evidentemente favoritismo a um rapaz monarquico, da familia dos Condes de Pernes de Algôdres; embora com certa inteligencia e habilid.e era desprovido de competencia para obra de tal vulto.

O presidente da Relação e, por consequencia, presid.te da comissão administrativa das obras, era o Juiz Conselheiro Forjaz de Sampaio, boa pessoa, de fina educação, mas perfeitamente dominado pelo secretario, o

Dr. Francisco Fernandes da Rosa Falcão, creatura com qualidades de acção e naque la altura com grande importancia politica.

No Conselho, discutindo-se o caso, resolveu-se que eu, dadas as boas relações antigas com o Rosa Falcão, fosse falar-lhe e expôr familiarmente o assunto.

Realmente, lá fui um dia á Relação procurar o meu antigo companheiro das sociedades secretas de 1897/98, desse bom tempo em que ele era olhado como um exemplo de inteligencia clara, de convicções sinceras e de espirito revolucionario temperado por ponderada actividade. Encontrei-o no seu gabinete, arrumando processos, na presença do Conselh.º Forjaz de Sampaio, sentado a um canto, com ares de subalterno.

Expuz as razões que lá me levaram. O Rosa Falcão, sem deixar de mexer e remexer nos processos, ouvia-me com sorriso de ironia que eu compreendi m.to bem. Era a desconfiança dum homem 100% da situação politica vigente que via sòmente em mim o adversario politico e o representante duma instituição considerada inconformista em que o seu principal

vogal era o temido António Augusto Gonçalves. Além disso calcularia que eu desejava a interferencia na obra de um outro vogal, o arquitecto Silva Pinto, igualmente adversario.

Compreendi que a m.ª missão não dava resultado.

Achei até graça ao Conselh.ro Forjaz de Sampaio quando eu acabei a exposição das minhas razões, ao dizer-me com o modo do mais afavel e conciliadôr:

— Mas nós o que querêmos é que a obra fique bonita...

Eu, sem querer desrespeitar o velho Juiz, respondi logo talvéz inconvenientemente:

— Sr. Dr. Conselheiro: o perigo é exactamente a obra ficar bonita...

O Rosa Falcão, porem, atalhou quase rudemente dizendo que o Conselho queria entravar a obra com razões muito particulares, que havia más vontades de todos nós, etc. etc. com palavras mansas, frias, ditas com a sua voz aguda, de certa vibração.

Deixei-o falar; e quando calculei que ele teria dito o que entendia, levantei-me, despedi-me respeitosamente do Conselheiro

a familiarmente do Rosa Falcão sem fazer qualquer referencia á conversa anterior.

Exposta ao Conselho a diligencia, este entendeu que era melhor pôr de lado o assunto para... não criar dificuldades.

A comissão administrativa das obras do Palacio da Justiça, passado pouco tempo, tentou conciliação nomeando o arquitecto Silva Pinto vogal da mesma, mas em condições de tal inferioridade perante o José Castelo Branco, encarregado da obra, que aquele não podia aceitar — como, realmente, não aceitou.

Todavia, o José Cast.º Branco mais avisado ou porque assim o aconselharam, veiu ás boas e por qualquer intermediario aproximou-se do Silva Pinto com certa sinceridade pois não se entendia bem com a grandeza da obra. E tudo acabou, afinal, por a obra se fazer pelo antigo e primitivo projecto debaixo das indicações, quando havia duvidas, do seu autor.

O outro incidente a que me referi foi provocado pela demolição da igreja de S. Bento, monumento que desde ha muito merecia as atenções do Conselho e de que

eu, nestas memorias já falei largamente ha muito e com toda a liberdade.(1)

Porem, as ponderações, respostas e consultas das estancias e fª as estancias superiores, não foram ouvidas ou atendidas; e o Conselho foi malsinado na cidade quer na Imprensa quer nos conciliabulos das esquinas por se opôr a mais um progresso de Coimbra.

E até a uma nota oficiosa da sessão de 14 de Agosto de 1928 em que se afirmava a nenhuma responsabilidᵉ do Conselho na destruição do notavel templo beneditino, foi negada a publicação pela censura politica local.

Dizia-se que o corte fôra feito a pedido do Dr. Alberto Dias Pereira, professor do Liceu, grande influente democratico que embora destronado continuava, com suas malas-artes, a manter certa influencia junto de alguns mandões da situação creada em 28 de Maio de 1926. Parece que era verdadeira a interferencia deste cava-

(1)

lheiro no córte feitô pela censura; resol-
vi ir com o Vice-Presid.te Tomás da Fonseca
procurar o Governador Civil que era então
o capitão ou major de Inf.a Sergio de Castro,
verdadeira figura decorativa, ou plastron
(como antigam.te se dizia) manejado pelo
Eduardo da Cunha Oliveira.

Queria protestar contra o córte feitô pela
censura duma nota oficiosa de instituição
do Estado que nada tinha com a politica.

O homem recebeu-nos com ar descon-
fiado mas ouviu-nos com atenção; fiz-lhe
ver que se não compreendia que um anti-
go influente democratico cujo procedim.to
como politico era apontado como uma das
razões da eclosão do movimentô regenera-
dôr de 28 de Maio, tivesse o poder de fazer
cortar pela censura uma nota oficiosa do
Conselho de Artê e Arqueologia — organis-
mo sério e de funções meramente cultu-
rais.

O Sergio ouviu, calado; no final, com
sorriso brejeiro, disse-nos que mandaria
publicar a nota oficiosa como na verdade
foi publicada nos jornais nos dias que se
seguiram.

O certo é, porem, que o belo templo beneditino, exemplar unico no País, foi deitado abaixo; e os varios passos por que o triste incidente passou, constituiriam saborosa cronica alegre que documentaria a afirmação do baixo nivel do interesse e conhecimentos artisticos do ambiente português e, em especial, do ambiente conimbricense.

Assim, a vida do Conselho ia correndo quando novo escandalo surgiu que foi fatal para mim: a Junta da freguesia de Santa Cruz e o páraco respectivo, reclamavam certos paramentos e objectos de culto ainda depositados na sobre-claustra do Silencio, restos do antigo museu organizado por António Augusto Gonçalves.

Ao mesmo tempo, a portaria n.º 5742 de 17 de Novembro de 1928, do Ministerio da Justiça, mandava entregar esses objectos e paramentos desde que não tivessem valor artistico ou arqueologico.

E' claro que todos nós vimos que o caso nos daria trabalho e sensaborias como com efeito deu; uma comissão foi delegada pelo Conselho para se entender com a Junta

e com o párocо, comissão que foi cons-
tituída por mim, como presidente, pelo
velho Gonçalves, pelo arquitecto Silva Pin-
to e pelo Lourenço Chaves de Almeida.

Houve reunião na séde da Junta aos
24 de Dezembro seg.te, reunião um tanto ou
quanto tempestuosa e, devo dizer, com ver-
dade, por minha causa.

O padre (cujo nome já me não ocorre)
começou com exigencias alem do que a ci-
tada portaria mandava quer na sua letra
quer no seu espirito. Eu comecei a discu-
tir com o homem procurando fazer-lhe
ver que não tinha razão e estava fóra do
que era razoavel; ele insistia, eu azedei-
me e, confesso, perdi um pouco o domi-
nio e tratei-o mal — pois as exigencias
tolas do tonsurado estavam a irritar.

Perante certa frase minha um pou-
co rude de que já me não lembro, o ho-
mem, sem qualquer vénia, virou-nos
as costas e foi-se embora.

Os vogais da Junta, dado o inesperado
epilogo, despediram-se amavelmente e
nós ficámos a olhar uns para os outros,
debaixo do olhar malévolo do dr. Domingos

Miranda, secretário do Conselho, que fôra convocado para lavrar as actas necessárias e que, com regosijo, de certo, via no incidente mais uma complicação desagradavel.

E' claro que o velho Gonçalves, embora o não dissesse, exultou com as minhas objurgatórias ao mariola do padre; o Silva Pinto ficou calado, moendo um cigarro e balançando, como de costume, uma das pernas cruzada sobre a outra; e eu, para acabar com a situação embaraçosa, disse para o Miranda que continuava esfingico:

— Bem!... Vamos lá fazer a acta...

Lavrou-se uma acta resumindo a cêna tragi-comica; e a reunião dissolveu-se. No electrico em que eu fui para casa, vi o P.e Julio (era este o seu apelido que só agora me ocorreu), o prior de S.ta Cruz com quem pouco antes me irritara, que se apeou aos Arcos do Jardim e se dirigiu para o Seminario.

Ia com certêza fazer a queixa ao Bispo-conde.

A acta seguiu o seu caminho burocratico e dias depois, do Ministerio da Jus

trução, veio um ofício perguntando em que altura ia o cumprimento da portaria acima referida.

Soube-se depois que esta pergunta era o resultado da queixa do prior Júlio; o Bispo escreveu ao Dr. Ferrand de Almeida que era chefe do gabinete do Ministro Gustavo Cordeiro Ramos

E o Ferrand apressou-se a oficiar para saber o que se passava.

Em resposta, o Conselho mandou cópia da acta da sessão frustrada e no ofício que a acompanhava fiz certos comentários acerca da atitude do padre e da portaria do Minist.º da Justiça que nada tinha com o da Instrução, etc.

Não foi preciso mais para o estoiro final. Em 22 de Janeiro apareceu-me em casa o Tomás da Fonseca com cara de poucos amigos e mostrou-me um ofício da Direcção Geral das Belas-Artes, datado da véspera, e dirigido para ele, vice-presidente do Conselho, ordenando a m.ª destituição de presidente e a reunião imediata do Conselho para eleição de outro. O Tomás estava exaltado, não queria obedecer.

Fiz-lhe ver que obedecer era o único caminho... Discutimos o caso e eu terminei por lançar no ofício a frase sacramental: «Tomei conhecimento.»

Estava destituído e, até certo ponto, de forma ilegal; mas confesso que me senti aliviado... O cargo já me pesava um bocado; por muito boa vontade que tivesse (e eu, francam.te, tinha-a) não havia maneira de fazer obra útil — e, como neste caso, em que se esbarrou com a Igreja, o o desastre era inevitável e um tanto ou quanto humilhante.

O Tomás saiu m.to aborrecido e foi convocar o Conselho; e dias depois foi publicada nova portaria do Minist.º da Justiça que mandava entregar todos os paramentos e objectos que o pároco e a Junta de freguesia requisitassem...

Podiam ter começado por aqui e evitava-se a série de desaguisados e aborrecimentos. Vencera o ilustre P.e Júlio que por sinal era zarolho...

No dia em que o Conselho reuniu, foi eleito o Dr. Alberto Cupertino Pessoa para presidente — creatura com linha e ponde-

rada a certo prestígio científico como professor na Medicina Legal. E depois da sessão, com o velho Gonçalves à frente, foram os vogais presentes à minha casa em missão de desagravo...

O Gonçalves disse umas palavras amáveis e, contra o seu costume, bastantes serenas. E abraçou-me. Os outros fizeram os seus cumprimentos amavelmente.

Fiquei sensibilizado, devo dizer, na ocasião; não esperava a visita e, até certo ponto, era uma satisfação para mim. Porém, depois, passadas horas e, ainda mais, passados dias, ao lembrar-me da cerimonia, veio-me a impressão de que tudo aquilo foi frio, sem significar grande estima por mim; apenas formulario delicado de gente que se vê livre de um importuno...

Quero dizer: O Conselho não concordou com o que eu fiz e está bem: eu coloquei-o em má posição que poderia ter consequencias desagradaveis para os seus componentes. Não se quiz solidarizar comigo como de entrada o Gonçalves insinuou com certas cautelas... E assim, o Conselho se foi, colectivamente, à m.ª casa,

fê-lo por mera cortezia. Disse-me o Lourenço Chaves Almeida que só o velho Gonçalves foi de opinião de que o Conselho se devia solidarizar; os outros acalmaram-no mostrando (aliás com razão) os inconvenientes dessa atitude; e perante esses argumentos (alguns ditados pelo medo) o velho inconformista, contrariado, cedeu.

E assim se encerrou esse periodo da minha actividade como vogal e presidente do Conselho de Arte e Arqueologia.

E foi por esses dias que saiu o 1.º numero da revista _Arte e Arqueologia_ que, entregue aos cuidados do Virgilio Correia, ainda viveu algum tempo, até ao 5.º numero — unica coisa que sobreviveu aos meus bem intencionados empreendimentos.

A homenagem ao Dr. Teix.ª de Carvalho, a reprodução das obras do Museu e outras iniciativas ficáram no esquecimento — e digo esquecimento para não empregar termo diferente que poderá dar a impressão, da minha parte, de que falo por despeito.

O Conselho caiu no silencio neces-
sario para não ser notado nas estancias
superiores...

De-mais, o Conselho tinha os dias
contados. Pouco depois, foi publicada no-
va reforma dos serviços artisticos e arqueo-
logicos que extinguiu os Conselhos de Arte
e Arqueologia e concentrou em Lisboa to-
dos os serviços que lhes competiam.

Para dizer a verdª desde que aqueles
Conselhos não eram mais do que simples
secretarias «para oficios e memoriais
"que ninguem lia» e para «reclamar
"providencias a que ninguem» atendia
ou «propor alvitres que ninguem» acei-
tava, melhor foi suprimi-los.

Alem disso, que a imprensa quer a
opinião da cidade (mesmo a opinião culta)
nunca apoiaram a acção empreendida em
beneficio da propria cidade — antes pelo
contrario a maloinaram e por vezes ridi-
cularizaram.

E assim o Conselho da 2ª Circunscri-
ção viveu 21 anos a trabalhar sempre
como se póde provar pelos seus livros
de actas e por um ou outro livro de cor-

respondência (salvos de baldões e destruições) que se podem ainda consultar no Arquivo do Ministério da Educação Nacional onde uma vêz fui tirar as notas que me serviram, em parte, para estes capítulos que, afinal, ficaram longos de mais.[1]

A 13 de Março de 1932 celebrou-se a última sessão; e o Conselho encerrou definitivamente os seus trabalhos creio que sem saudades.

Todos os vogais estavam aborrecidos e cançados de tanta incompreensão e más vontades de modo que (quero crer) a extinção foi um alívio.

---

(1) No Arquivo do Ministério da Educação existiam, quando lá fui, salvo erro, nos primeiros meses de 1951, dois livros de actas em que se liam 174 actas de sessões e um livro de correspondência de 1924-1932. Quase tudo se perdeu num incendio que houve no edifício do Ministério uns anos antes; mas também verifiquei que o Conservador, ao tempo da minha visita, não sabia bem o que as novas estantes continham — pois se procedia a nova arrumação e o rapaz, Licenciado há pouco, deu-me a impressão de que estava pouco disposto a tomar aquilo a peito. Lembro-me de que ele me disse q. pertencera, du-

Aquilo tudo estava em saturação; mas tambem é certo que os vogais do Conselho poderiam abandonar a sala das sessões depois do encerram.^to dos trabalhos com a consciencia perfeitamente tranquila.

XI

Lisboa:
26 de Junho a 21 de
Julho de 1863.

---

rante os seus tempos de estudante em Coimbra, à direcção do C.A.D.C. (Centro Academico Democracia Cristã) — o que equivale a dizer que era da boa essencia reaccionaria. Enfim, espreitando, bacutejando, remexendo, lá demos, eu e ele, com os tres livros que acima indiquei.

IX

«... mémoraliste à cheveux gris, j'écris ces lignes...»

G. Duhamel: *Chronique des Pasquier*. II. *Le Jardin des bêtes sauvages*, cap. III.

«... il y a tant de choses que je n'ose vous dire / Ayez pitié de moi.»

Guillaume Apolinaire: *La Jolie rousse*, pag. 168 de *Calligrammes*. *Poèmes de la Paix et de la Guerre* (1913-1916)

Estou quase a terminar a tarefa destas pobres *memórias*.

E quero ver se me apresso, pois o tempo urge, a vista começa a cançar e não sei se o pulso estará firme, por muito tempo, como até aqui.

Falta-me fazer a ligação deste acêrvo de notas em forma de *memórias* com

o Diario que recomecei em 23 de Abril de 1928. E olhando para traz e contemplando o numero de volumes já escritos e convenientemente brochados, fico-me a pensar como é que eu me abalancei a tal trabalho persistente e aurdo, que roubou tantas horas e tantos mêses que poderiam ser aplicados a obras de mais valia e, possivelmente, de maior utilidade.

Mas o quê?...

Desde novo preocupei-me sempre em fixar os sucessos que ia observando ou aquelles em que me via envolvido; não seria, propriam.te, obcecação como poderá parecer, mas era, certamente, uma tendencia para tal genero de trabalho e, de facto, ao longo dos meus quase 70 anos de escrevinhador, ~~fui deixan~~do notas e rascunhos que, de certa altura em deante, constituiram material razoavel para me encontrar em condições, com a ajuda da memoria ainda felizmente mais ou menos fresca, de reconstituir a m.a vida desde o infeliz dia do mês de Outubro de 1879 em que

saí do ventre materno para as agruras deste mundo desgraçado.

Aos poucos, principalmente depois que me lançaram na reserva, lá ia compondo o «monumento» para depois, também por bocados, passar tudo a limpo, em forma de livro como aí fica, apto a ser lido e comentado uns 30 anos depois da m.ª morte.

Valeria a pena tanto trabalho, tanto cuidado, tanto tempo perdido, tanto papel e tinta gastos?

Não sei se terá resposta satisfatória esta serie de interrogações. Ha, porem, em tudo isto, um factor importante: é que talvez se não possa explicar a razão por que comecei a escrever tais diarios e memorias. Seria instintivo, talvez, e sem quase dar por isso as restas foram-se amontoando e daí o desejo de as pôr com certa ordem.

Não sei, francamente.

Mas o certo é que estou quase a ver-me livre da tarefa.

Neste intervalo pouco ha que dizer e depois, como escreveu o bom Fr. Luis

de Sousa: «foram-se metendo muitos dias em meio e passando a outras coisas» (1) e o que há para dizer resumirei ou citarei apenas.

Vamos, pois, a isso porque o tempo urge e eu sinto-me cansado; e nem valerá a pena querer prolongar este rosario de recordações.

Já ao completar os meus 80 anos eu cerrei definitivam.te o Diario que ia escrevendo com regularidade. Vou também pôr de parte este quase encargo e o que ficou no tinteiro... deixar ficar!

Nada se perderá. Poderei dizer como Montaigne: «on ne faict pas des histoires de choses de si peu...» (2) E no futuro, se alguem ler o que aí fica, poderá glosar a frase do filosofo com palavreado trocista.

E fará muito bem.

Ficam, pois, em vão alguns episo-

---

(1) Fr. Luis de Sousa: Vida de Fr. Bartolomeu dos Martires, cap. XI do Liv.º II, a pag.º 229 da ed.ão de 1857.

(2) Essais, a pag.º 115 do cap. XVI do livro II do vol. 3º (Edição Flamarion).

dios da vida que, francamente, não desgostava de deixar exarados no papel com esta m.ª letra miúda que, por vêzes, já me custa a reler quando necessito verificar certos factos passados.

Essa boa alegria dos velhos (como escreveu Mantegazza (1)) em recordar os tempos idos, não é, verdadeiram.te, para mim — pois nunca fui creatura alegre e neste evidente declinar, muito menos sou.

O meu desêjo é remadlár este embréchado em que me metí e poder entregar tudo na Biblioteca da Universidade com desinfectantes modernos para conservação do papel — e ficar-me entregue, finalmente, ao comodismo de quem não tem que fazer e de quem, envolvido em egoísmo, nada espera alem da chamada para o desconhecido.

E para não perder o habito de alardear, por tudo e por nada, um pouco de erudição, fecho com um terceto ha pouco

---

(1) Elogio da Velhice, tradução, a pag. 130 da 4.ª ed.ª

Lido e fixado, dum soneto do poeta Heredia que, salvo erro, é de origem judaica e portuguesa: (1)

«Et j'ai laissé courir le flot de ma pensée,
Rêves, espoirs, regrets de force dispensée,
Sans qu'il en reste rien qu'un souvenir amer.»

Lisboa
6/7 de Setembro de 1963.

(1) José-Maria de Heredia: Mer montante a pag. 147 de Les Trophées

«Não é ainda a invalidez, mas já não é a frescura.»

Machado de Assis: *Memorias pos-tumas de Bras Cubas*, cap. 135.

Mais umas palavrinhas...

E vamos lá com resignação. Desde as ultimas linhas escritas em Setembro de 1963, aberiu-se um intervalo bastante doloroso, proprio para fazer esquecer (como fez) esta tarefa que afinal estou a ver que não me atrevo a concluir.

Foram dois anos passados á beira duma cama onde uma doente, aos poucos, ia deixando a vida e um vácuo que se não encheu nem, com certeza, por muito que eu viva, se preencherá.

Tenho, pois, que encerrar o volume e dar por terminado o monumento que pensei em deixar, tão completo quanto possivel, para a Posteridade (!) poder

apreciar a insistencia (ou inconsciencia) dum quadro que imaginou valer alguma coisa.

E' pena, todavia, mas forçoso, que fiquem no tinteiro certos episodios da minha vida, v.g.: os ocorridos em fins do mês de Maio de 1926 que na guarnição de Coimbra foram vergonhosos; — a minha destituição de director da Carreira de Tiro a seguir a uns exercicios de destacamentos mixtos determinados pelo cor.el Visconde Jacinto dos Reis Fischer exercicios em q. eu tive certa primazia; — a minha acção no caso do lampadario que está na Sala do Capitulo da Batalha e a missão a Leiria que me confiou o Gen.al Simas Machado em Abril de 1924 quando se pretendeu fazer desaparecer o tumulo napoleonico que o Adão Bermudes chegou a construir p.a os soldados desconhecidos, mercê da campanha levantada pelo Ant.o Augusto Gonçalves e aceite pelo Americo Olavo então ministro da Guerra.

Tudo isto, e mais alguns episodios, ficam em branco... Os meus 86 invernos já não dão para mais do que umas

0-89

notas bibliográficas que vou fazendo, aos poucos, para a Revista Militar e umas pobres Velharias que, por desfastio, vou mandando quinzenalmente para O Povo da Lousã por obra e graça do Dr. Eugénio de Lemos (que lhes acha valor) e me vão entretendo os ócios e me não deixam dormitar quando estou a pensar na vida, quase apagado na poltrona que ali tenho e me compensa, em parte, o desconforto moral em que agora estou vivendo.

E pronto...

x

x x

«Ah! é preciso acabar com isto!»
Sebastião da Gama: Cabo da Boa Esperança, pag. 134 (Ed. 1951)

«Tinha grandes coisas p.ª vos dizer. Porém não tenho tempo.»
Manuel Alegre: Praça da Canção, pag. 123

Mas, antes de encerrar este volume (e último) sempre quero deixar mencionado (oh vanitas vanitatum!)

que aí por Março deste ano, fui convidado para socio da Academia Portuguesa da História.

Agora, aos 85 anos, é que me fizeram académico!!

A minha prim.^a reacção ao ler o convite, aliás m.^to amavel, foi recusar e mandar a Academia para o Diabo — que era o que ela merecia.

Porem... o promotor do convite foi o Ant.^o Machado Faria de Pina Cabral a quem devo atenções, a primeira das quais a oferta de todos os volumes que a Academia tem publicado e que, na minha biblioteca constituem um sector de grande importancia.

Pensei que seria grosseria uma recusa embora embrulhada em boas desculpas e... conformei-me.

Disse que sim e preenchi uns papeis impressos em que tive de escarrapachar a minha vida, as funções que tenho exercido e os trabalhos publicados quer em volumes, quer em revistas.

Mandei tudo em Maio; mas até hoje ainda não recebi sinais da apro.

ração final e de que posso ingressar triunfalmente naquele ilustre areópago...

Oxalá se tenham esquecido. A entrada para tal simbiose de sabios não me interessa e ficaria assim, cá de fóra, livre de sessões eruditas e salamaleques aos distintos confrades.

E demais a mais ha lá grande numero de padres e algumas figuras balofas como o João Ameal e o medico Meireles do Souto.

Enfim, será o que fôr.

Pelo sim, pelo não, tenho já escrita uma discursata para o dia da entrada em que exponho livremente quem sou, o que fui e o que penso — e quero atirar-lhes á cara, amavelmente, é claro, que venho do sec.º XIX...

E assim fecho as minhas memorias como fechei o diario — por me sentir velho e cançado e aborrecido.

O que ficou em branco, como referi acima, é verdadeiramente com certa pena minha porque seria «assaz sabo-

roso de ouvir» como diria Fernão Lopes [1], fica-me na memória — não sei por quanto tempo.

E basta.

«Deixa o texto arquivado na lembrança,

. . . .

Há laudas de silêncio em todos nós.» [2]

Lisboa

18 de Novembro de 1965

(1) Crónica de D. Fernando, cap. 98

(2) Miguel Torga: Diário, vol. IX, p. 110.

« Ici se place un acte de ma vie que je pourrait cacher. Mais non! »
Jules Vallés: *Jacques Vingtras*: *L'enfant*, cap. XI

Já agora . . . mais umas palavrinhas — e acabo.

Os homens da *Academia* não se esqueceram como eu imaginei. A demora veiu das formalidades que, durante as ferias grandes se não cumpriram porque os Imortais foram, como quaisquer creaturas sujeitas á lei da mortalid.e gosar as suas semanas de descanço.

A 12 de Dezembro ultimo, porem, recebi um oficio datado da vespera em que me comunicavam que em 10 a Assembleia de Academicos de numero aprovou a proposta que o Conselho Academico apresentára para a minha admissão como socio correspond.te

Vinha assinado pelo Sr. Damião Peres, como Secretario Geral.

E' claro que agradeci muito sensibilizado...

E em 28 de Janeiro lá fui, pela primeira vêz à Assembleia Geral ordinaria em que o socio Pe. Antonio Brasio apresentou uma comunicação sobre o Instituto de Teologia Pastoral da Rainha D. Catarina que continha materia inedita e de certo valor para o estudo da formação do clero na altura em que se acentuou a influencia do Concilio de Trento

Com excepção do Antº de Machado Faria, os ilustres confrades eram para mim desconhecidos pessoalmente e devo dizer que me receberam bem.

Dois fizeram até acolhimento de certo modo caloroso: o Alberto Iria e o Joaquim Verissimo Serrão que me conheciam de Coimbra, quando estudantes, e até o primeiro disse-me que tratou comigo qualquer assunto da Guerra Peninsular e que eu lhe facilitei um estudo que fazia sobre episódios algarvios desse periodo.

Já me não lembrava.

Os outros academicos eram, se não erro, os Padres Domingos Mauricio Gomes dos Santos, S.J., Ant.º da Silva Rego, S.J.; Antonio Brazio, da Casa do Espirito Santo; o medico Meireles do Santo já aqui falado; o velho Cordeiro de Sousa, cada vez mais avelhentado; o Sampaio Ribeiro, com deformação da espinha dorsal que o obriga a andar curvado quase em angulo recto; o Afonso do Paço, hoje arqueologo consagrado e o Rodrigues Cavalheiro, de má catadura, o unico que, nas apresentações não passou das formulas habituais da vulgar civilidade.

Na sessão, como foi a primeira a q. compareci o P.e Silva Rego que presidia por falta do Laranjo Coelho, m.to doente, apresentou-me, antes da Ordem do Dia, uns cumprimentos amaveis que eu retribuí lendo a prosa a que atraz me referi ha m.to preparada e que deixo copiada adeante.

Fui ouvido com atenção e não sei se com agrado ou desconfiança por parte de alguns assistentes. No final, quan-

do voltei p.ª o lugar, o Presid.^te^ Silva Rego convidou-me a apresentar qualquer comunicação sempre que quizesse e renovou, amavelm.^te^, os cumprimentos de boas vindas.

Acabada a comunicação do P.^e^ Brazio houve certa discussão com o Dr. Verissimo Serrão e o P.^e^ Domingos Mauricio.

A apresentação deste ultimo deu-me um pouco no gôto... É homem forte, entroncado, dotado de uma bela cabeça já grisalha, com grandes olhos pretos muito vivos; fala com segurança e com gesto calmo mas ao mesmo tempo revelador de certa energia.

Deve ser homem de acção ao contrario do seu irmão na Companhia, o Padre Silva Rego que me pareceu creatura branda, melíflua, falando baixo com maneiras delicadas de sociedade; a exposição que ele faz acerca do Instituto de Teologia Pastoral foi quase um complemento á comunicação do colega Brazio, revelando uma larga compreensão dos problemas ligados com a educação do clero quer em tempos idos quer na actualidade.

Deixou-me certa impressão agradavel e tive de concluir intimamente que um velho Pedreiro Livre não está isento de ter de considerar um padre da Companhia com benevola e simpatica atenção. E a verd.e é que foi o unico dos ilustres confrades que no final, quando começou a debandada, sem despedidas individuais, se dirigiu a mim e me disse com o seu ar decidido que tivera prazer em me conhecer, que gostara muito das minhas Cartas do Infante D. Pedro e terminou por dizer que aparecesse, que trabalhasse, que ha m.ta coisa para fazer, etc. etc.

E aqui está como é o Mundo!

Foi um padre jesuita o unico que no final me disse qualquer coisa de particular e agradavel. Os outros sumiram-se, mesmo o Alberto Iria que á chegada me fez muita festa ou o Verissimo Serrão q. afirmou a sua simpatia por mim desde os seus tempos de estudante em Coimbra.

Será assim o costume, no final das sessões? Ou foi a maneira mais sim

eles de se esquivarem a dizer qualquer coisa a respeito da m.ª alocução?

Tudo é possivel.

Contudo, na proxima sessão quero averiguar e tirar as minhas conclusões — p.ª meu governo.

E com isto me despeço de _memorias_ e de _diarios_.

— X —

Segue-se a minha tão falada alocução de agradecimento e apresentação que foi feita, valha a verd.ᵉ, com alguma ironia e bastante intenção de dar a perceber que a minha admissão foi tardia de mais.

E' possivel q.ᵉ isso não fosse compreendido pela maior parte dos academicos pois dos fundadores não sei se lá estaria alguem alem do Machado Faria.

Ora bem. Segue a prosa e com isto ponho ponto final nestas manifestações, afinal, de certa vaidade.

Lx.ª = 1 a 4 de Fevereiro de 1966

« Quiseram V.V. abrir-me as portas desta douta Academia.

O meu temperamento sem ambições e o meu espírito bastante inclinado ao isolamento, nunca me fizeram pensar nestas honras; cheguei a velho isento de vaidades; e nos últimos anos as amarguras da vida mais me fizeram esquecer qualquer prurido de mundanidade.

V.V., porém, lembraram-se de mim; confesso que me senti honrado mas, ao mesmo tempo, desolado. A minha entrada na instituição é, por assim dizer, honorífica; se, em novo, a minha valia era pouca, agora é, evidentemente menor — se para alguma coisa ainda presto.

Mas, seja como fôr, os meus agradecimentos pela honra concedida são sinceros; a todos V.V. eu agradeço pois, embora os estatutos limitem a pequeno número de confrades a eleição dum estranho, quero crer que a m.ª escolha não teria qualquer oposição ou suscitaria

como seria muito natural, uma ou outra duvida.

Por tudo fico muito grato a V.V. e dentro da minha já inferior capacidade de trabalho, estou ao dispôr da Academia com muita honra e boa vontade.

Entendo, porem, agora, já que me abriram as portas da casa, de me apresentar — isto é, dizer quem sou áquelles dos Ilustres Confrades que me não conhecem senão por vagas e incompletas referencias. Sinto, intimamente, que sou quase um desconhecido não só porque, pelo meu natural isolamento, não tenho relações pessoais com a grande maioria dos Academicos, senão também porque os meus trabalhos, devido a instintiva repugnancia para o reclamo e pelo seu reduzido valor, não gozam de grande audiencia nos meios cultos.

Devo pois dizer claramente que sou homem do Seculo Dezanove. Quando nasci ainda o seculo tinha 20 anos para viver; e a minha mentalidade foi moldada, ou bem ou mal, nas duas décadas

finais, repletas de sucessos contraditórios quer os internos, mais proximos por consequencia, quer os externos que maior influencia trouxeram a este canto europeu.

Em Coimbra, onde decorreram essas duas primeiras décadas da mª vida, e quando os meus ouvidos começaram a ouvir e os olhos a ver o que se passava, já não havia o «grande tumulto mental» do tempo de Eça de Queiroz mas havia, no campo das Ideias, certo movimento literario da chamada «Geração de 90» eivada de tradicionalismo e, simultaneamente, alguma excitação politica da geração inconformista ou revolucionaria que, ao tempo dos 20 anos seguintes prepararia (ou ajudaria a preparar) a mudança de regime.

Eu conheci os principais vultos de uma e outra geração através de pessoa de familia que com eles convivia e de alguns dos quais, pela vida fóra, fiquei amigo.

Lembro-me bem das ironias ás vezes um tanto causticas de Agostinho de

campos, do alegre, optimista e desembaraçado Alberto de Oliveira, da memória prodigiosa de Carlos de Mesquita e, como superior a todos, as atitudes olímpicas de Eugenio de Castro, com colarinhos m.^to altos forrados de preto por dentro e a contar anedotas de Verlaine e outros simbolistas com quem convivêra em Paris; e ainda me lembro de Antonio Nobre, com os seus grandes olhos nostálgicos, a contemplar a curva do Mondego, a montante da cidade, quase afogado, então, em pujantes pinheirais.

Lembro-me igualmente da palavra fluente e vibrante de Antonio José de Almeida, da compostura e bom senso de Augusto Barreto, João de Menezes e Silvestre Falcão — e talvez mais alguns.

Lá de fóra, nessa mesma altura e principalmente ao longo da ultima década do seculo, vinha o sopro violento da agitação libertaria, com livros doutrinarios de mistura com os rudes écos da chamada «propaganda pelo facto.» E em Coimbra, grande parte da mocidade impressionava-se com isso; e uma

carta que o Príncipe Kropotkine dirigiu aos novos de todo o mundo e foi espalhada em quase todas as línguas, deixam fundos e duradoiros sulcos na imaginação generosa e até na consciência de muitos rapazes.

Mas de toda essa mocid.^e e de todo esse tumultuar de Ideias que, evidentemente, de forma directa ou indirecta me influenciáram, quero fazer sobresair (porque interessa especialmente a esta instituição) a figura do já então professor de Teologia na Universidade, o Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos que foi o primeiro presidente desta Academia e um dos seus socios, certamente, de maior prestígio.

Desde creança o conheci como amigo e antigo condiscípulo do meu citado parente; sempre me impressionou o seu ar grave e ponderado, um tanto doutoral apesar da convivencia; mas com o tempo, quando li o seu trabalho <u>Evolução do culto de D. Isabel de Aragão</u> (para o qual eu gravei em madeira a capa sobre desenho de António Augus-

to Gonçalves) eu senti, pobre rapazote de 13 anos quase uma revelação — para não dizer deslumbramento.

Haveria já em mim tendencia para os estudos de Historia?

E' certo que eu lia com alguma sofreguidão os romances historicos de Herculano e outros livros de historia de autores contemporaneos; mas aquela maneira do Dr. Vasconcelos tratar a Historia, com abundante e escolhida documentação, com a clareza e meticulosid.e nos pormenores, a argumentação tão perfeita em passos duvidosos, fez-me uma impressão bem funda que — devo confessar — nunca deixei de lhe ser fiel até quando, mais tarde, tratei certos problemas debaixo de outros aspectos e procurava rumo afastado da investigação pura.

Devo, pois, á memoria do eminente Professôr que me distinguiu sempre com benevola amizade e me dispensou, muita vêz, conselhos proveitosos, devo, dizia eu, a homenagem que, neste momento e neste lugar, creio ficar com oportunidade e com justiça.

0-20

E assim, quando cheguei a homem e entrei no caminho de tão ingrata profissão, a tendencia para os estudos de História manteve-se sobrepondo-se (mas sem as apagar) a todas as influencias contraditorias recebidas; mas a instintiva repulsa pela publicidade fez com que, só ultrapassados os 30 anos, eu deixasse o meu nome aparecer no final de qualquer escrito.

Seria o que hoje se chama o complexo de inferioridade?

Estou convencido de que sim — pois que ainda hoje o sinto.

Até aí e com cauteloso pseudonimo só ligeiros artigos ou cronicas sem importancia para jornais ou revistas de amigos companheiros de Coimbra dispersos pelo País.

Mas...

Certo dia, uns exercicios militares realizados a sul de Coimbra, em terrenos juntos á aldeia da Cruz dos Morouços, fizeram-me evocar um combate travado em 1828 entre tropas liberais e absolutistas. Veiu daí, ao observar o

terreno e ao querer recompôr episodios da acção, a ideia de um trabalho de investigação minuciosa e de critica que, de facto realizei e depois foi publicado na Revista Militar com o meu nome por baixo — pela primeira vêz.[1]

Ia eu a caminho dos 34 anos. Não se póde dizer que fui precoce.

Este estudo e uns outros publicados tempos depois, com a mesma orientação, isto é, ainda debaixo da influencia do insigne professor universitario, fizeram dizer (não sei se com inteira propriedade) no dia em que fui recebido como societario da Revista Militar que eu era um caso novo e unico na historiografia militar portuguesa.[2]

Desculpem VV. este ou outro passo de aparente imodestia; mas eu estou a fazer uma especie de confissão e a prova, por isso mesmo, foge-me p.ª a verdade.

---

(1) Nos vol.º 65, no n.º 9 pag.ª 679-692 e seguintes e nos vols. 69.º e 70.º

(2) A frase é do falecido general José Justino Teixeira Botelho que então presidia a direcção da Revista Militar. Passados anos mudou um pouco de opinião...

E assim, ao longo dos anos, com os contratempos inerentes à profissão e as contrariedades inevitáveis da vida particular, eu ia sempre trabalhando quanto podia e sabia.

Intentei, até, fazer a história dum concelho onde nasceu e viveu a minha família materna. Acumulei tenazm.te, durante anos, material abundante; a sorte quiz, porem, que esse conjunto de elementos para uma monografia (em que aparecem uns problemas curiosos que ficaram á espera de resolução) vá todo para o Arquivo universitario de Coimbra, arrumado e catalogado convenientemente, á espera do inevitavel e talvez justo esquecimento.

Ora tudo isto, ilu.mos Academicos, todo o meu bem intencionado esforço foi, em regra, isolado, sem pertencer a agrupam.to de qualquer natureza, sem me inclinar para aqui ou para ali, procurando por mim só, resolver os problemas.

Depois de passar á situação de reformado (já lá vão 26 anos!) conse-

qui, mais livremente, acabar certos estudos que estavam em começo ou em projectos — mas, apesar de atento, quanto podia e sabia, ás lições de João Pedro Ribeiro, Herculano, Gama Barros et alliis, não deixei, contudo, de prestar a maior atenção, e até procurar compreender e aplicar, as modernas interpretações tão discutidas da Historia.

Aos poucos, irregularm.te, fui deixando, pela vida fóra, certo numero de estudos, uns maiores, outros menores, em q. predominam os de historia militar ou com ela ligados.

Em novo pensava até que poderia fazer uma serie de trabalhos, dentro de certo metodo, que constituisse obra uniforme. Mas... ai de mim! As ilusões são ilusões que é o que, como escreveu Antero do Quental, o homem tem de mais melindroso e mais certo na sua existencia.(1)

E cheguei ao fim da vida com insignificante obra dispersa e bastante miscelânea — fóra o que fica abundantem.te

(1) Cfr. Prosas, vol. II, pag. 94.

nas minhas gavetas, destinado, de certo, ao misericordioso cesto dos papeis inuteis.

E' claro que esses meus trabalhos não faziam, como não podiam nem podem fazer, sombra a quem quer que seja; com eles nunca intentei combater ou beliscar os trabalhos alheios; e se é certo que recebi atenções e facilidades (que não esqueço) para a sua publicação por parte de quem, felizmente, tinha e tem espirito compreensivo e elevado, é certo tambem que senti, em uma ou outra ocasião, á minha volta, uma surda má vontade que não podia compreender e ainda hoje, valha a verdade, não compreendo.

Mas...

O que lá vai, lá vai!

Agora, para pouco posso servir; tenho a consciencia de que servi a historiografia modesta mas honestamente e com a boa vontade de quem deseja encontrar a possivel verdade sem torcer documentação e sem levar, já formulada, ao começar qualquer estudo, uma desejada conclusão.

Posso servir-me duma frase de Marco Tulio nas suas Tusculanas: não tem inquietações quem está bem com a sua consciencia.(1)

E aqui teem VV. o que eu queria dizer para que este novo confrade, quase ~~[illegible]~~ desconhecido, possa ser um pouco mais conhecido e compreendido.

Fui, repito (e ainda sou) homem do Seculo XIX; veiu comigo, desse seculo tão malquistado, grande dóze de inconformismo — eivado porem de grande dóse de tolerancia ligada a calma e consciente dedicação pelos Principios. E quanto ao que superiormente se pratica nesta casa onde benevolamente me receberam, tambem veu comigo o maior respeito pela busca da Verdade Historica, quer essa busca se faça como «escrivão da verdade» á maneira de Fernão Lopes(2) quer como psicologo segundo ainda não ha muito tempo preconizava o

---

(1) Cfr. na edição da casa Garnier, Paris, o § VIII do Liv. 3.º

(2) Cron: D. João I, cap. 95.º

infeliz Marc Bloch.[1] De qualquer modo que seja, aqui renovo os meus agradecimentos e declaro que procurarei honrar quanto possível as obrigações que me impõe a generosa admissão.

Disse.»

(Em Lx.ª, escrita no mês de Junho de 965)

---

(1) *Apologie pour l'Histoire ou métier d'historien* (Ed. de 1949) a pág. 101.

Relação dos livros lidos desde o dia 3 de Outubro de 1959, até ao momento presente:

Abelaira (Augusto): O nariz de Cleopatra: 1963
" " : A palavra é de oiro, 1962.
Abreu (Gaspar de): Memorias Politicas, vol. I (único): 1964
" (Jorge): Boémia jornalística 1964
Albuquerque: (Luis de): Notas p.ª a historia do ensino em Portugal: 1960
Alegre (Manuel): Praça da canção: 1965.
Almeida (Ant.º Ramos de): Nova descoberta do Brasil: 1963
Alves (Inacio Aug.to): Episodios militares das Lutas Civis: 1963
Amado (Jorge): Gabriela, cravo e canela: 1960
Apolinaire (Guillaume): Calligrammes: 1964
Araújo (Luis de): Contos e historias: 1964.
Arnaut (Salvador Dias): A crise nacional dos fins do sec. XIV: 1965.
" (Salvador Dias): Região do Rabaçal: 1962
Assunção (Tomás Lino de): Historias de frades 1965
" (Tomás L.º de): As ultimas freiras: 1964
Baião (Ant.º): Homenagem a Camilo: 1965
Balzac: Modeste Mignon: 1964 (3.ª vez)
Bandeira (Manuel): Obras Poeticas: 1961
Barreira (João): A rota do Bergantim: 1962
Barros (João de): Patria esquecida: 1961
21 " " : Vida vitoriosa: 1960

Basto (Artur de Magalhães): O Porto do Romantismo: 1963
Bastos (Francisco): Versos: 1962
Battistelli (Luigi): A Vaidade: 1964
Bernanos (Georges): Journal d'un curé de campagne: 1964
Berr (Henri): La synthèse en Histoire: 1963
Bevan (Edwyn): A Civilização greco-romana: 1963
Bizarro (A. H.): El-rei D. Manuel II na Grande Guerra: 1965
Botas (José Lourenço): Barco sem âncora: 1964
" " ": Maré Alta: 1961
Botelho (Fernanda): O gato e a fábula: 1961
Boucet (Marguerite): Le Duc et la Duchesse d'Alençon: 1963
Bourget (Paul): La Duchesse bleue: 1963 (2 vols)
" ": Essais de psychologie contemporaine: 1961.
Braga: (Luís de Almeida): O significado nacional da obra de Camilo: 1961
" (Mário): As ideias e a vida, 2.º vol.: 965
" ": O livro das sombras: 1960
" (Teófilo): Tricentenário da publicação de D. Quixote: 1962
Bramão (Alberto): Recordações: 1963
" ": Últimas recordações: 1963
Brazão (Eduardo): A Restauração: 1962
Brochado (Costa): O piloto árabe de Vasco da Gama: 1960
Brunel (Henri Victor): La verte moisson: 960
C. C: Cousas camilianas, 6 vols.: 1961.
Caetano (Marcelo): A Opinião Pública no Estado Moderno: 1965
Caiola (Lourenço): Cenas lidas pelo tempo: 1961 (2.ª vez).

46

Calado (Rafael Salinas): A Figueira ao dealbar do seculo XX : 1964
Caldwell (Erskine): O irresistivel Big Buck (Contos): 1961.
Camilo : Amôr de Perdição : 1959.
" : A queda dum anjo : 1965.
" : O Sangue : 1961.
" : Vinte horas de liteira : 1965
" : Vulcões de lama : 1964
Cantos (Paulo): Cava do Viriato : 1959.
Cardim (Luis): Projecção de Camões nas letras inglesas : 1963
Carpentier (G.al Marcel): Un cyrard au feu : 1963
Cartas da Rainha D. Amelia ao Bispo Conde Bastos Pina : 1964
Carvalho (A. de Azevedo Melo e): Carta ao Duque de Saldanha : 1965
" (Ant.º Coelho de): A Lingua e a Arte em Portugal : 1966
" (Ant.º Ribeiro de): Campanhas de Gomes da Costa : 1964
" (José Liberato Freire de): A Carta e os seus 22 anos de idade : 1959
" (M.ª Judite de): Palavras poupadas : 963
" " " : Tanta gente, Mariana! : 1960
" (Romualdo de): Hist.ª do Colegio dos Nobres de Lisboa : 1960
Casimiro (Augusto): Nun'alvares e o seu monumento : 1964
Castilho (Julio de): Inacio de Vilhena Barbosa. Elogio historico : 1965
Castro (A. Faria de): Impressões de Arte : 1961
" (Rosalia): Cantares Gallegos : 1964
Cavalheiro (Rodrigues): Homens e ideias : 962
" " : Politica e Historia : 1960

70

Chagas (João): 1908. Subsídios: 1960
" (Mel Pinheiro): A Morgadinha de Val-flor: 1965.
Cidade (Hernani): O Século XIX: 1961.
Cocteau (Jean): Thomas, l'imposteur: 963
Coelho (Ant.º Borges): Alexandre Herculano: 1966
" (Ant.º Borges): A Revolução de 1383. Tentativa de caracterização: 1966
" (Ant.º Prado): O Romance Popular na obra de Teófilo Braga: 1963
" (Jacinto do Prado): Problemática da História Literária: 1961
" (Trindade): O Senhor Sete: 1962
Condé (José): Terras de Caruarú: 1964
Correia (Fernando): Ricardo Jorge: 1959
" ": Vida errada: 1964
" (J. Araújo): Manta de farrapos: 1962
" " ": Perfil transmontano de Trindade Coelho: 1963
" " ": Três meses de Inferno: 964
" (Natália): A questão académica de 1907: 1963
" (Sebastião Marão): A propósito do "Camões" de Aquilino: 1960
Cortesão (Jaime): A política de segredo nos Descobrimentos: 1960
Costa Jor: Os fidalgos da Estrebuela: 1962
" ": N'cala e os Cuanhamas: 1962
" (Mário A.): Caldas Xavier: 1963
Cunha (Alfredo da): Goethe haveria lido Gil Vicente?: 1964
Dantas (Julio): Auto da rainha Cláudia: 965
" ": Bulhão Pato. Elogio histórico: 1965
" ": Revoada de musas: 1965
96 " ": Viriato Trágico: 1965

Dante: Divina Comédia: O Purgatório: 1960
Daudet {Alphonse}: L'Immortel: 1964 (2ª vez)
Devi {Vimala}: Monção (Contos): 1963
Dias {Augtº da Costa}: A crise de consciencia pequeno-burguesa. Vol. I: 1963
" {Carlos Malheiro}: A Verdade Nua: 1964
" {Gastão de Sousa}: Os Portugueses em Angola: 1960
" {J. Gonçalves}: Sextilhas de Fr. Antão: 1962
Dinis {Julio}: Os Fidalgos da Casa Mourisca: 966
Duarte {Afonso}: Lapides e outros versos: 1960
" {Mario}: Eça de Queiroz, Consul: 1964
Duhamel: Le désert de Brièves: 1965
" : Le Jardin des bêtes sauvages: 1963
" : Les maitres: 1965
" : La nuit de la Saint-Jean: 1964
" : La Terre promise: 1964
Dumas {Alex.}: Mil e um fantasmas: 1960
Esparteiro: {Antº Marques}: O famoso botas de ancora: 1960
Esquilo: Coéforas: 1963
Expedição de D. Pedro {A} ou a Neutralidade portuguesa: 1964
Faulkner {William}: Sanctuaire: 1959
Feijó {Antonio}: Cartas intimas: 1965
Feijóo {Pº Benito}: Cartas eruditas: 1965
Fernandes {Barahona}: Joaquim de Carvalho. Pessoa e atitude espiritual: 1965
Ferrão {António}: Os estudos de erudição em Portugal nos fins do secº 18º: 1964
" " : D. Maria Amalia Vaz de Carvalho: 1964.
" {Carlos}: Em defesa da verdade: 1963
" " : O Integralismo e a Republica, volº I a III: 1965
" {Julieta}: Rafael Bordalo Pinheiro: 1961
125 Ferreira {Alberto}: Ensaios, vol. I: 1965. 159

Ferreira (Amadeu): Catana, canhangulo e arma fina: 1964
" (Armando): Gloria. Novela: 1965
" (David Mourão): Aspectos da obra de Mel Teixeira Gomes: 961
" " " : Motim Literario: 963
" (Eduardo Marrecas): Aljubarrota: 1964
" (Virgilio): Aparição: 1960
Figueiredo (Fidelino de): Epicurismos: 1961 e 1964.
" " : O medo da Historia: 1960
Fonseca (Quirino da): Os navios do Infante D. Henrique: 1960
" (Tomás da): A pedir chuva...: 1960
" " : O Diabo no Espaço e no Tempo: 1959
" " : A Mulher: 1960
France (Anatole): Crainquebille: 1959
" " : Le Lys rouge (2ª vez): 1964
Freire (J. Paulo): Lôas e cirios de Mafra: 1963
Freitas (A. Sousa): Africa e outros poemas: 960
" (José Joaquim Rodrigues de): Paginas avulsas: 1961.
Gaio (Mel da Silva): A Encruzilhada: 1965
" " " " : Torturados: 1961.
Gama (Eugenio Sanches da): Nós todos e outros versos: 1960
" (Sebastião da): Cabo da Boa Esperança: 1965
Garcia (Mel Emidio): O Marquês de Pombal: 1961.
Gasset (José Ortega y): La deshumanización del Arte: 1961
" " " : Ensayos estéticos: 1962
" " " : Meditaciones del Quijote: 1960

Godinho [Vitorino de Magalhães : A Economia dos Descobrimentos Portugueses : 1964

Goethe : Werther : 1960

Gomes [M.el Teixeira] : Carnaval Literario : 961
" " " : Correspondencia, 2 vol. : 960
" " " : Maria Adelaide : 1960
" " " : Novelas eroticas : 1961

Gonçalves {Ant.º Nogueira} : A Torre-Baluarte de Belem : 1964.
" {José Julio} : O Islamismo na Guiné Portuguesa : 1961.
" {Julio} : De como se ganhou e perdeu Gôa : 1963

Garjão {J. D. Rosado} : Os Portugueses e os factos : 1962

Guerreiro {Amaro} : Panorama econômico dos Descobrimentos : 1962

Guimarães {Luis de Oliv.a} : Senhoras conhecidas : 1963

Halphan {Louis} : Introdução á Historia : 962

Heine {Henri} : De la France : 1962

Henriques {Elber de Melo} : A F.E.B. Doze anos depois (Brasil) : 1960

Herculano {Alex.e} : O monge de Cister : 1861.

Herédia {José Maria de} : Les Trophées : 1865.

Huxley {Aldous} : Cura de repouso : 1862

Huysmans {J.K.} : La cathédral : 1965.
" " " : Lá-Bas : 1863.

Ibañez {V. Blasco} : Cañas y Barro : 1862

Iria {Alberto} : Arqueinistica e Historia na obra de Julio Dantas : 1966
" : Elogio do Dr. Julio Dantas : 1966

João XXIII : Pacem in Terris : 1863

Jorge {Ricardo} : Ramalho Ortigão : 1961

Julien {Claude} : La Revolution cubaine : 1861

178 Kleist {Von} : O Principe de Homburgo : 1862 203

78

Korolenko: O moleiro e o Diabo: 1960
Lafayette: La Princesse de Clèves: 1960
Lapa (M.el Rodrigues): Afonso V e o Príncipe D. João
Lazzarini (André): Paulo VI. Perfil de Montini: 1966
Leal (Franc.o da Cunha): Cântaro que vai à fonte: 1963
" " : O colonialismo dos anticolonialismos: 1961.
" " : Ilusões macabras: 1964.
Lemos (Ester de): Companheiros: 1963
Lima (M.el de Campos): A Gafanha: 1960
" (Marta de): Album: 1962
Lino (Raul): L'evolution de l'architecture domestique en Portugal: 1961
Lobo (A. da Costa): Portugal e Miguel Angelo: 961
Loison (Paul Hyacinthe): Almas inquietas: 963
Lopes (Franc.o Fernandes): A figura e a obra do Infante D. Henrique: 1961
" (Óscar): Jaime Cortezão: 1964
Lorca (Frederico Garcia): A casa de Bernarda Alba: 1961.
Luís (Agostina Bessa): O Manto: 1963
Machado (Alberto de Sousa): Para a História das Invasões Francesas: 1961
" (Julio Cesar): Lisboa de Ontem: 966
" " " : Apontamentos dum folhetinista: 1961.
Magalhães (José Estêvão Coelho de): Obra Política, vol. I: 1963
" (Luís de): A crise monárquica: 966
Maia (Franc.o de Athaíde de Faria e): Os deportados do Amazonas: 1960
Malpique (Cruz): O Dr. Ant.o A. da Costa Ferr.a: 963
" " : Aquilino: O homem e o escritor: 1965

↓ 203

Mantegazza (Paulo): Elogio da Velhice : 1963
Marañon (Gregorio): El Conde Duque de Olivares : 1961
" " : D. Juan. Ensayos : 1963
Marguerritte (Victor): Le betail humain : 1960
" " : Le chant du berger : 1960
" " : Ton corps est à toi : 1959
Maritain (Jacques): Christianisme et Democratie : 1959.
Martins (Bastos): Tempo de falar. Diario da Invasão de Goa : 1962
Martins (Gal Ferreira): Mousinho : 1965.
" (Franc.º de Oliv.ª): D. Carlos I e os Vencidos da Vida : 1963
Matos (Gregorio de): Poesias satiricas : 1963
Maugham (Somerset): Le fugitif : 1961.
Melo (M.el José Homem de): Portugal, o Ultramar e o Futuro : 1962
Mendes (Manuel): Aquilino Ribeiro : 1965
Mendonça (Henriq. Lopes de): Manuel Pinh.º Chagas. Elogio historico : 1965.
Meneses (Bourbon e): O Diario de João Chagas : 1961
Merêa (Paulo): Suarez. Grocio. Hobbes : 959
Mesquita (Marcelino): O Regente : 1964
Mexia (João Galvão): Resposta analitica : 962
Michel (Louise): A Comuna : 1961.
Migueis (José Rodrigues): Onde a noite se acaba : 1959.
Mira (Ferreira de): A nossa casa : 1961
" " : Vida do campo : 1961
Miranda (Cardoso de): O ultimo rei : 1966
" (Raul): Os rios. Evolução e vida dos cursos de agua : 1965
Mirécourt (Eugenio de): Masaniélo : 1959
Monteiro (Luis Sttau): Felizmente ha luar! : 1962 e 1964.

230 252

0-21

Montêjir {Xavier de}: P. L. M.: 1961.
" " : A rainha da noite: 960
Mota {Silveira da}: Horas de repouso: 1964
Moura {J. J. do Nascimento}: Guerras na India: 1962
Muñiz {Carlos}: O tinteiro: 1961
Namora {Fernando}: Retalhos da vida dum medico. 2ª serie: 1965.
Namorado {Joaqᵐ}: A Poesia necessaria: 1966
Navarro {Judita}: Terra de Nod: 1962
Nemésio {Vitorino}: Vida e obra do Infante D. Henrique: 1961.
Neves {Henrique das}: Individualidades: 1961
" " " : Esbocetos individuais 2ª serie: 1964.
Nicole {Paul}: A Revolução Francesa: 1964
Nogueira {Albano}: Imagens em espelho côncavo: 1961
" {Cesar}: Notas p.ª a historia do Socialismo em Portugal: 1964
" {Enrico}: A Igreja e o Estado em Portugal: 1960
Oliveira {A. Lopes de}: Como trabalham os nossos escritores: 1964.
Orpheu, vol. I: 1960
Osorio {Augᵗᵒ Pinto}: Figuras do passado: 963
" " " : Lembranças da mocidade: 19..
Pacheco {F. Assis}: Cuidar dos vivos: 1964
Pascoais {Teixª de}: O Penitente (Camilo Castelo-Branco): 1965.
Passos {Carlos de}: D. Sebastião. Rei e Martir: 1965.
" {John dos}: Manhattan transfer: 963
" {Mᵉˡ da Silva}: Discursos: 1963
Paxeco {Oscar}: O cântaro do Sr. Carpinteiro Cunha Leal: 1963.

255